



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

BEATRIZ PEREIRA DE ALMEIDA

“É PRECISO TRANSVER O MUNDO”: O APLICATIVO *CRIANCEIRAS*

JOÃO PESSOA/PB
SETEMBRO DE 2019

BEATRIZ PEREIRA DE ALMEIDA

“É PRECISO TRANSVER O MUNDO”: O APLICATIVO *CRIANCEIRAS*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras com habilitação em Português.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Maria Segabinazi

JOÃO PESSOA/ PB
SETEMBRO DE 2019

**Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

A447é Almeida, Beatriz Pereira de.
"É preciso transver o mundo": o aplicativo Crianças
/ Beatriz Pereira de Almeida. - João Pessoa, 2019.
63 f. : il.

Orientação: Daniela Maria Segabinazi.
Coorientação: Irany André Lima de Souza.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Livro-aplicativo, Crianças, Oficina Literária. I.
Segabinazi, Daniela Maria. II. Souza, Irany André Lima
de. III. Título.

UFPB/CCHLA

BEATRIZ PEREIRA DE ALMEIDA

“É PRECISO TRANSVER O MUNDO”: O APLICATIVO *CRIANÇEIRAS*

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Daniela Maria Segabinazi
(Orientadora – UFPB)

Profa. Ma. Irany André Lima de Souza
(Coorientadora – UFPB)

Prof. Dr. Edgar Roberto Kirchof
(Examinador – ULBRA)

Ana Carolina Medeiros Caldas
(Examinadora – UFPB)

Prof. Me. Valnikson Viana de Oliveira
(Examinador Suplente – UFPB)

JOÃO PESSOA/ PB
SETEMBRO DE 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por estar comigo em todas as horas, mesmo quando não percebo Sua presença, por me mostrar a poesia nas palavras, nas flores, no pôr do sol e em mim.

Aos meus pais, por me ensinarem a importância de estudar e de batalhar por tudo aquilo que eu quero conquistar. Agradeço à minha mãe, por me apoiar em tudo, ainda que primeiramente não me apoie, e por querer minha felicidade acima de tudo. Agradeço ao meu pai, pela cumplicidade que temos nos nossos olhares.

Também sou grata a Paloma, meu amor, por me fazer enxergar belezas em mim que nem eu mesma enxergo e me ensinar todos os dias a ser alguém melhor para mim mesma e para as pessoas que eu amo. Você me faz ver poesia em cada uma das coisas miudinhas da vida.

Agradeço às minhas amigas da época da escola, por estarem sempre por perto, me amando e cuidando de mim: Janiele, Bibi, e, especialmente, Bianca e Áurea, por me conhecerem tão bem.

Às amigas que conheci ao longo desse curso e que agora também são parte de mim: Maria Letícia, Mylla, Myllena e Alinne, especialmente as duas últimas, por me ajudarem e me ouvirem tanto quando estou confusa com a universidade e com a vida.

Agradeço, especialmente, à professora Daniela Segabinazi, por ter aparecido em minha vida e me mostrado a grandeza da literatura infantil. Obrigada por me ensinar tanto e trazer para perto.

Também agradeço ao Grupo de Pesquisa em Estágio, Ensino e Formação Docente (GEEF), por me ajudar a descobrir quais caminhos quero trilhar e por me acolher desde o momento em que comecei a fazer parte. Agradeço especialmente a Jhennefer, por me ajudar prontamente sempre que possível e tantas vezes, além de a Irany, Valnikson, Cristina e Ana Paula, por também me mostrarem com carinho que apesar da carreira acadêmica poder ser bastante espinhenta, também há muitas e muitas rosas no caminho.

Agradeço ao poeta Manoel de Barros, por ter existido com toda sua poesia me ensinando sobre ser criança. Espero nunca perder meus achadouros da infância e que, a cada dia que passa, exercite cada vez mais meu olhar infantil. Ao músico Márcio de Camillo, pelo aplicativo Crianceiras, por toda sua gentileza e incentivo para com a minha pesquisa. Falar com você foi essencial para a motivação deste trabalho e também para mim, enquanto admiradora da poesia de Manoel de Barros.

Por último, agradeço também à Escola Lúcia Giovanna de Melo, que está sempre de portas abertas para que a literatura tenha protagonismo na vida das crianças. Sou grata, especialmente, a Júlio, Lucilene e Alba, por me incentivarem e por imediatamente abraçarem minha oficina e fazerem o possível para que ela ocorresse da melhor forma com as crianças. Agradeço também às professoras Ângela e Pollyanna.

*“Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas desformam.
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades”.*

(Manoel de Barros)

RESUMO

Cada vez mais velozes, novas formas de se comunicar surgem o tempo todo: aplicativos de mensagens, de compras, de encontros, redes sociais diversas. As gerações atuais nascem imersas ao universo da internet e dos *smartphones*, tudo é resolvido, visto, lido pelo celular. A literatura infantil também se adapta a esse meio, saindo dos livros impressos, passando para *e-books*, livros digitalizados, livros ilustrados infantis digitais até chegarmos aos livros-aplicativos, sendo estes, como o próprio nome expressa, os livros que surgem para serem baixados gratuitamente ou comprados em lojas oficiais de *app*, como *Play Store* e *Apple Store*, por exemplo. Esta pesquisa, então, buscou apresentar a relação da obra do poeta Manoel de Barros com o universo infantil, explorando como o artista Márcio de Camillo, reconhecendo essa aproximação de Barros com as crianças, transformou os poemas barrosianos em um projeto envolvendo música, dança, arte, texto, sons, tecnologia, ilustrações, imagens, ou seja, criando uma narrativa híbrida como forma de potencializar o contato das crianças com tais poesias. Esse projeto foi CD e espetáculo até chegar ao aplicativo, objeto de análise deste trabalho. Nosso objetivo maior, portanto, foi levar o aplicativo *Crianças* até alunos do 1º ano e do 3º ano do Ensino Fundamental para investigarmos se as crianças, a partir do projeto, conseguem ter uma experiência estética e literária com as poesias de Manoel de Barros. A metodologia deste trabalho segue uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico, documental e também é baseada em um estudo de caso, na medida em que fontes diversas, como materiais acadêmicos, sites, plataformas online, entrevista e oficina foram utilizadas para o embasamento do que foi discutido ao longo deste trabalho. Com a aplicação da oficina e a partir da análise dos dados obtidos, constatamos que é possível realizar um trabalho como esse em sala de aula e que o aplicativo *Crianças* cumpre aquilo a que se propõe: aproximar a obra de Manoel de Barros do universo infantil. Para tanto, utilizamos ao longo deste trabalho as pesquisas de Cezar (2009), Castello e Sanna (2006), Moraes (2015), Carvalho (2010), Kirchof (2016), Caldas (2019), Corroero e Real (2018), Giroto e Souza (2010), Solé (1998), entre outros.

Palavras-chave: Livro-aplicativo. *Crianças*. Oficina literária. Manoel de Barros. Poesia Infantil.

ABSTRACT

Increasingly fast, new ways of communicating are emerging all the time, messaging, shopping, dating, diverse social networking applications. Today's generations are born immersed in the universe of the internet and smartphones, everything is solved, seen, read by mobile. Children's literature also adapts to this medium, from printed books to ebooks, digitized books, digital children's picture books to application books, which, as its name implies, are the books that come to be. downloaded for free or purchased from official app stores, the Play Store, and the Apple Store, for example. This research, then, sought to present the relationship of the work of poet Manoel de Barros with the children's universe and how artist Márcio de Camillo, recognizing this approach of Barros with children, sought to transform the Barrosian poems into a project involving music, dance, art, text, sounds, technology, illustrations, images, that is, creating a hybrid narrative as a way to enhance children's contact with such poetry. This project was a CD and a show until reaching the application, object of analysis of this work. Our main goal, therefore, was to take the *Crianceiras* app to elementary and junior high school students to investigate whether children from the app can have an aesthetic and literary experience with Manoel de Barros' poetry. The methodology of this work follows a qualitative approach of bibliographic, documentary nature and is also based on a case study, as diverse sources, such as academic materials, websites, online platforms, interview and workshop were used to base what was discussed throughout this paper. With the application of the workshop and from the analysis of the data obtained, we found that it is possible to do a work like this in the classroom and that the application *Crianceiras* fulfills what it proposes: bringing Manoel de Barros's work closer to the children's universe. For this, we used throughout this work the research of: Cezar (2009), Castello and Sanna (2006), Moraes (2015), Carvalho (2010), Kirchof (2016), Caldas (2019), Correro and Real (2018), Giroto and Souza (2010), Solé (1998), among others.

Keywords: Book-app. *Crianceiras*. Literaly Workshop. Manoel de Barros. Children's Poetry.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Print</i> do <i>teaser</i> oficial do espetáculo <i>Crianceiras</i> tirado de vídeo disponibilizado na plataforma Youtube.	25
Figura 2 – Tela inicial do app <i>Crianceiras</i>	26
Figura 3 – Poema “Sombra Boa” encontrado na função “Poesias”.....	27
Figura 4 – Função “Clipes” do <i>Crianceiras</i>	28
Figura 5 - <i>Prints</i> da primeira e da segunda cena do clipe “Bernardo”.....	41
Figura 6 - <i>Prints</i> da cena das asas e do voo de Bernardo.....	42
Figura 7 - Poeta Manoel de Barros.....	52
Figura 8 - Poeta Manoel de Barros.....	52
Figura 9 - Aplicativo <i>Crianceiras</i> na <i>Playstore</i>	54
Figura 10 - Algumas das pinturas feitas pelos alunos do 1º F.....	68
Figura 11 - Algumas das pinturas feitas pelos alunos do 3º C.....	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ficha de avaliação da Literatura Infantil Digital (LID)	38
Quadro 2 - Estratégias de leitura	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. DO MENINO DO MATO AOS MENINOS E MENINAS DAS TELINHAS	16
1.1 <i>Crianceiras</i>: do CD ao aplicativo	23
2. UM MOMENTO GENESÍACO: NOVAS FORMAS DE SE FAZER LITERATURA	29
2.1 Literatura na palma da mão: uma mostra de outros book-apps	33
2.2 O aplicativo <i>Crianceiras</i> pela ótica da ficha de avaliação de Correro e Real (2018)	37
3. O APLICATIVO <i>CRIANCEIRAS</i> E A INTERAÇÃO COM LEITORES REAIS: UMA PROPOSTA PRÁTICA.....	45
3.1 Oficina literária com o aplicativo <i>Crianceiras</i>.....	50
3.1.1 Aplicação e análise da oficina.....	55
3.1.2 Resultados e discussões.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS	Erro! Indicador não definido.
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

O surgimento de novidades na sociedade em que vivemos não é mais motivo de tanto espanto, pois a cada momento, novos celulares são lançados, computadores, aparelhos de TV, surgem também novos estudos, teorias, pesquisas, tudo isso em uma velocidade que é difícil de acompanhar. Dessa maneira, a literatura também não deixa de se reinventar, há cada vez mais formas de se criar textos literários, validados ou não pela Academia, autores independentes fazem cotas *online* e lançam seus livros, sites e blogs são criados, *e-books*, canais no *Youtube* e até mesmo aplicativos que envolvem a leitura literária e a experiência estética do leitor, envolvendo não só literária, mas também outras artes. Experiência essa que também vem se transformando: na medida em que os suportes são diferentes, a estrutura textual é outra, logo, as habilidades que serão exigidas do leitor também são distintas.

As crianças também acompanham e vivem essas mudanças, tendo em vista que cada vez mais conteúdos digitais são criados destinados a esse público: sites, canais no *Youtube* e, especialmente, aplicativos com uma infinidade de conteúdos, de propostas, de intenções. A literatura infantil busca seguir esse fluxo e se destaca com a literatura infantil digital (LID), ou seja, tudo aquilo que é criado para as crianças no universo virtual com a intenção de que se propague a experiência estética com uma determinada criação literária. Em meio a vários aplicativos que têm cumprido essa função, destaca-se o *Crianceiras* (2016), idealizado pelo músico e compositor Márcio de Camillo que buscou unir músicas, ilustrações e palavras como forma de propagar para as crianças poemas de Manoel de Barros, em uma tentativa de aproximar os pequenos do universo poético do referido autor, que é tão inspirado nas crianças.

Como justificativa para este trabalho, elencamos primeiro a escassez que ainda há no Brasil de pesquisas que tenham como foco o estudo e a análise de *book-apps*. Assim, é urgente que trabalhos como este aconteçam para que tenhamos, primeiramente, conhecimento da existência de tantos livros-aplicativos e, depois, para pensarmos nas mudanças que essa literatura digital tem provocado na experiência de leitura da criança, já que exige habilidades que ultrapassam as trabalhadas na leitura de livros impressos. Ao pesquisarmos especificamente pelo termo “aplicativo *Crianceiras*” ou apenas “*Crianceiras*” no catálogo de teses e dissertações da Capes, nada foi encontrado; ao pesquisarmos também “livros-aplicativos”, não conseguimos encontrar nenhuma dissertação ou tese que focasse na literatura infantil digital, por exemplo.

Direcionamos nossa pesquisa para a plataforma Google Acadêmico, em que encontramos uma quantidade ainda ínfima de periódicos, apenas três, e um trabalho de conclusão de curso (TCC) que analisam ou pelo menos mencionam o aplicativo *Crianceiras*. Dos três artigos, dois sugerem o trabalho com o aplicativo em sala de aula, apesar de que nenhum deles apresenta uma proposta prática de oficina literária utilizando o aplicativo. Por isso, entendemos a relevância deste trabalho por percebermos a urgência de se pensar a literatura infantil digital no contexto da sala de aula, como será feito com a realização da oficina literária utilizando o *Crianceiras*.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a receptividade do aplicativo *Crianceiras* por crianças do 1º ano e do 3º ano do Ensino Fundamental, percebendo se o aplicativo cumpre o papel a que se propõe: o de aproximar as crianças da poesia de Manoel de Barros. Para isso, estabelecemos como objetivos específicos: apresentar a obra do mencionado poeta com ênfase na temática da infância e contextualizar o projeto *Crianceiras*; discutir sobre as novas formas de se fazer literatura, apresentando outros livros-aplicativos e analisando o aplicativo *Crianceiras*; e realizar oficinas literárias com crianças do 1º ano e do 3º ano do Ensino Fundamental de modo a analisar a receptividade do aplicativo.

A metodologia, neste trabalho, traz como abordagem a pesquisa qualitativa, pois, segundo Silveira e Córdova (2009, p. 32): “[...] os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores [...]”. A pesquisa bibliográfica também é base de nosso estudo, na medida em que fizemos um levantamento de pesquisas já feitas sobre a temática escolhida, utilizando livros, artigos, sites, confirmando o que Silveira e Córdova (2009) afirmam sobre todo trabalho científico ter seu início em uma pesquisa bibliográfica. Como fizemos uma entrevista com o idealizador do aplicativo *Crianceiras*, este trabalho também se caracteriza como documental, já que recorre também a um material elaborado por nós. Por último, um estudo de caso também foi realizado, pois estudamos a receptividade do aplicativo nas duas turmas citadas anteriormente.

Para fins de organização, este trabalho será dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, inicialmente, contextualizamos a obra do poeta Manoel de Barros, expondo a ligação que seus poemas têm com o universo infantil. Dedicado inteiramente ao fazer poético, ele voltava seu olhar para as coisas miúdas, um olhar de criança, como é dito tantas vezes pelo próprio autor ao longo de sua vida. Esse “olhar infantil” faz com que a poesia de Barros fale sobre brincadeiras no quintal, competições entre crianças, seres criados pela imaginação, bichos, plantas. É bastante presente na obra do poeta a comunhão entre os eu-líricos de seus

poemas e a natureza: não há uma separação tão clara do que é “homem”, “criança” e o que é natureza, como o próprio escritor fala no texto “Manoel por Manoel”: “Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.” (BARROS, 2015, p. 15). Trazemos também, para embasar as discussões levantadas, os documentários realizados por Cezar (2009), Castello e Sanna (2006) e as pesquisas realizadas por Silva (2017) e Peregrino (2010).

Ainda, nesse capítulo, apresentamos o projeto *Crianceiras*, criado pelo cantor e compositor Márcio de Camillo que, amante da obra de Manoel de Barros e amigo da família, percebeu a familiaridade de seus poemas com o universo das crianças. Falamos “projeto” porque houve todo um percurso até Camillo chegar ao aplicativo, surgindo primeiro o CD, depois o espetáculo, o aplicativo e, por último, o projeto escola. Para finalizar, apresentamos o aplicativo e descrevemos cada uma das funções disponíveis nele.

No segundo capítulo, mostramos as revoluções ocorridas nos processos de leitura devido ao advento da tecnologia (CHARTIER, 2000 apud CARVALHO, 2010), apresentamos também o surgimento de novas literaturas, como os textos híbridos que unem imagens, movimentos, texto e letras em suas histórias, além do fato de possibilitarem a leitura em suportes diferentes do impresso (KIRCHOF, 2016). Em seguida, fizemos um breve percurso em plataformas digitais brasileiras que criaram literatura infantil, como é o caso do site *Ciber&Poemas*, de Sérgio Capparelli, antes do “boom” dos *tablets* e *smartphones* nos últimos anos, até chegarmos a apresentar outros *book-apps* existentes e as pesquisas realizadas a partir deles, de autoras como Caldas (2019), Moraes (2015) e Matsuda e Conte (2018). Depois, analisamos um clipe do aplicativo *Crianceiras* e também o aplicativo como um todo a partir da ficha de avaliação da literatura infantil digital (LID) feita por Corroero e Real (2018).

Por fim, no último capítulo, propomos uma oficina literária com crianças do 1º ano e do 3º ano do Ensino Fundamental a partir dos estudos realizados por Giroto e Souza (2010), Santos e Souza (2011) e Solé (1998) acerca das estratégias de leitura, apresentando detalhadamente o que irá acontecer nos momentos de antes, durante e depois da leitura. Para finalizar, após a aplicação da oficina, fizemos uma análise do que ocorreu nesse processo, percebendo a receptividade das duas turmas, utilizando os critérios de compreensão dos poemas, assim como das atividades realizadas, o envolvimento com essas atividades, os conhecimentos prévios e o repertório sociocultural dos alunos.

1. DO MENINO DO MATO AOS MENINOS E MENINAS DAS TELINHAS

Manoel de Barros (1916 – 2014) foi um poeta do pantanal matogrossense, nascido na cidade de Cuiabá, que se inspirou diretamente na realidade que o cercava, especialmente na natureza, dando um novo significado a ela. Apesar de sair da terra natal e viver quase 30 anos no Rio de Janeiro, voltou para o Centro-Oeste para cuidar da fazenda herdada do pai em Campo Grande, onde o autor intensificou sua produção, podendo, a partir de 1960, quando “comprou seu ócio”, dedicar-se inteiramente à poesia.

Antes de 1960, quando teve sua produção impulsionada, o poeta já havia lançado três livros, *Poemas concebidos sem pecado* (1937), *Face imóvel* (1942), *Poesias* (1947). Após 1960, Manoel de Barros lançou mais de 20 livros, sendo o primeiro deles *Compêndio para uso dos pássaros* (1960) e o último, *Poeminha em Língua de brincar* (2007).

O fato de a maior parte dos poemas de Manoel de Barros serem produzidos a partir do olhar dele sobre o que estava à sua volta, sobre o pantanal e as pessoas ao redor, não diminuía a grandeza da poesia do autor, nem a tornava voltada para uma temática só, pelo contrário, a partir do olhar dirigido às coisas comuns, e até mesmo às desprezadas pelo ser humano como pedras, latas, seres tidos como sem importância, ele cria algo novo, dando um sentido original às “insignificâncias”, termo criado por ele; aliás, sobre isso, ele menciona: [...] “eu não sou um poeta de paisagem, sou poeta da palavra, eu invento meu pantanal.” (CEZAR, 2009, *online*).

Segundo Joel Pizzini, no documentário *Só dez por cento é mentira* (2009), Manoel de Barros é revolucionário pelo fato de que sua poesia não tem como foco a imensidão celestial, os grandes fenômenos da natureza, foco de muitos poetas brasileiros consagrados, e sim as pequenas coisas: reparar no que há embaixo de uma pedra, perceber a beleza das coisas que foram descartadas. “Isso começa a interferir na sua visão de mundo, no seu exercício de percepção cotidiana. A poesia de Manoel de Barros é um alento nesse sentido [de] alargar sua visão de mundo.” (CEZAR, 2009, *online*).

Uma das características muito fortes da poesia de Manoel de Barros, segundo a pesquisadora Berta Waldman, em depoimento ao documentário *Língua de brincar* (2006), é o modo como ele habita a língua, o desejo presente nos poemas, de querer trabalhar a linguagem a ponto de “diminuir a distância entre o signo e o referente, entre a palavra e a coisa”. (CASTELLO; SANNA, 2006, *online*). Um dos objetivos de Barros era justamente atingir esse nível em que a palavra se torna quase física, rompendo a barreira de ser somente “letras”. Para Silva (2017), é a partir da linguagem que é possível ao homem recriar os

sentidos das coisas, desfazendo aquilo que já existe para transformar em algo novo. Entretanto, o poeta “[...] deseja ir além: fazer falar as coisas, ouvir o enunciado das pedras, dos pássaros. Ele rompe com o esquema linguístico dos signos, substituindo-o por imagens elaboradas correspondentes às coisas.” (SILVA, 2017, p. 193).

Outra característica marcante de seus poemas é a sinestesia, a forma como o poeta brinca com os sentidos, confunde-os para criar algo mais intenso, como nos versos do poema I de *O Livro das Ignorâncias*: “f) como pegar na voz de um peixe / g) Qual o lado da noite que umedece primeiro.” (BARROS, 2013, p. 275). Há também uma forte presença de neologismos, como “invencionática”, “desimportantes”, “catamento”, “coisal”, assim como em Guimarães Rosa (1908 – 1967), escritor que certamente exerceu influência sobre Manoel de Barros.

Essa influência pode ser confirmada através dos dois poemas contidos nos livros *Retrato do artista quando coisa* (1998) e *Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo* (2001) presentes em *Poesia completa* (2013), sendo o primeiro poema reflexo do encontro de Manoel de Barros com Rosa no pantanal matogrossense em 1952 – que rendeu bons frutos especialmente para a escrita de Guimarães – e o segundo, intitulado “Tributo a J. G. Rosa”: “Passarinho parou de cantar. / Essa é apenas uma informação. / Passarinho desapareceu de cantar. / Esse é um verso de J. G. Rosa./ Desapareceu de cantar é uma graça verbal. / Poesia é uma graça verbal.” (BARROS, 2013, p. 336). Novamente, é possível perceber o desejo do referido poeta de “delirar” seus versos, visto que o verbo “desaparecer” vai muito além do verbo “parou”, nesse caso, traz em si toda a tristeza do passarinho que não canta mais, vem acompanhado de uma melancolia, um sentir delicado que acontece em detrimento da nova associação criada pelo verbo “desaparecer.”

Alguns podem pensar que a poesia de Manoel de Barros é feita estritamente para o público adulto ou para ser entendida somente por eles em razão da quantidade de referências históricas, mitológicas, filosóficas trazidas em muitos de seus poemas, além das reflexões levantadas em algumas composições envolvendo temas como prostituição, solidão, o medo da morte, o destino do homem, a incompletude do ser humano. Entretanto, pela leveza contida em tantas das suas poesias, pela abertura dada à imaginação, pela sonoridade e imagens criadas, a lírica do mencionado autor se aproxima do universo das crianças.

O poeta insinua que é preciso fazer poesia, assim como as crianças que ainda estão aprendendo o significado das palavras e as regras gramaticais e, por isso, dão um novo sentido a elas, criam novas construções, novos conceitos. Segundo Barros, “[...] a criança erra na

gramática e acerta na poesia” (CEZAR, 2009, *online*), como vemos no poema VII da 1ª parte de *O livro das ignoranças* (1993):

No descomeço era o verbo.
 Só depois é que veio o delírio do verbo.
 O delírio do verbo estava no começo, lá onde
 a criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos.*
 A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
 para cor, mas para som.
 Então se a criança muda a função de um verbo, ele
 delira.
 E pois.
 Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
 nascimentos –
 O verbo tem que pegar delírio
 (BARROS, 2013, p. 276, grifos do autor).

No poema citado, pode-se observar o desejo de Manoel de Barros de que se aprenda com a facilidade das crianças de darem uma nova função às palavras, de reinventarem, criarem um novo sentido. Para ele, essa é a maior função do poeta, preocupar-se em fazer as palavras “delirarem” a partir de uma nova função que é atribuída a elas. Para Silva (2017), o poeta entende seu “‘descomeço’ não como tempo oposto ao começo, mas anterior à criação. Na poesia, tudo só se constitui depois que as palavras perdem o senso comum e ‘pegam delírio’. E isso só é possível através do olhar sinestésico da criança.” (SILVA, 2017, p. 195). É através dessa mudança na função do verbo que somos transportados para um outro universo, o barrosiano, em que as palavras e suas funções são reinventadas.

Algo que o poeta também fala no documentário *Só dez por cento é mentira* (2009) é que só teve infância, só sabe escrever seus poemas sobre a infância buscando no “baú” em que se armazenam as primeiras sensações vividas. Segundo Faria (2009, p. 6), “[a] infância poeticamente atuante não é aquela que marcou o alvorecer da nossa vida, mas a que lateja em nós, e preside a gênese do passado, do presente e do futuro. O mundo começa para o homem por uma revolução de alma que remonta a uma infância”. Peregrino (2010) concorda ao afirmar:

Manoel de Barros mostra-nos que a infância não é só a fase inicial da vida, mas um sentimento que deveríamos carregar e praticar, não esquecer ou abandonar. Tampouco, ignorar ou calar. O poeta fala da infância como quem fala de algo vivido na véspera ou no mesmo dia. Certamente, o faz por não compreender a infância como os primeiros anos de sua longa vida, mas como algo sentido aqui e agora, o tempo todo (PEREGRINO, 2010, s/ p.).

O poeta, com o seu olhar único, faz-nos enxergar o mundo ao redor com outros olhos; olhos que sempre tivemos e que, por isso, não nos são completamente estranhos, mas que estão “enferrujados pelo desuso”: olhos infantis. Dessa forma, somos intimados pelo poeta de maneira leve e lúdica a nos lembrarmos e a vivermos novamente nossa infância, já que Barros fala no documentário *Língua de Brincar* (CASTELLO; SANNA, 2006, *online*): “[...] as primeiras percepções do mundo a criança é que tem quando nasce e essas primeiras percepções são usadas por mim na minha poesia”. É como se Barros estivesse em constante busca de acontecimentos desconhecidos nas vivências que temos diariamente, e a criança tem o poder de enxergar e sentir isso com mais facilidade, já que ela ainda está no processo de descoberta, de ter suas primeiras experiências.

Ainda, em muitos momentos, a poesia de Barros se torna quase autobiográfica – ou pelo menos, ele faz parecer ser – e retorna à infância do poeta, aos momentos em que ele observava seu avô, às brincadeiras que fazia no quintal com outras crianças, como no poema “Campeonato”, à comunhão que ele tinha com os seres da natureza, como no poema “O menino e o rio”. Entretanto, até nesse quesito Manoel de Barros era poeta, como dito, ele mesmo criou sua biografia, inventou-a; segundo o poeta, sua vida e a das pessoas ao redor era tão vazia na infância, isolada de acontecimentos, que para as pessoas terem o que contar umas às outras era necessário inventar. (CEZAR, 2009, *online*) Isso também é algo característico das crianças, da infância, o poder de imaginar, de inventar, de criar coisas a partir da realidade, mas que vão além dela.

A capacidade das crianças de imaginar, de se divertir somente com o fato de criarem algo diferente também é vista no poema “Campeonato”, o qual descreve uma espécie de competição, sem prêmios, criada por meninos, entre os quais o eu-lírico, que brincavam nos jardins da Praça da Matriz:

Nos jardins da Praça da Matriz, os meninos
 urinavam socialmente.
 A gente fazia campeonato para ver quem
 mandava urina mais longe.
 O menino que mandasse mais longe era
 campeão.
 Mas não havia taça nem medalha.
 Um guri iam ver por trás dos muros
 a competição.
 Acho que elas tinham alguma curiosidade
 ou inveja porque não podiam participar
 do campeonato

(BARROS, 2013, p. 461).

O poema fala da inocência das crianças que tiravam prazer de algo tão “bobo” e rotineiro como é o ato de fazer xixi. Os pequenos têm o poder, a visão de tornar algo tão automático como é urinar em uma coisa divertida. Nessa época da infância, principalmente quando a adolescência está chegando, há a necessidade de se autoafirmar como “o melhor”, e essas competições se tornam recorrentes. O interessante é que a brincadeira não chega ao universo dos adultos, não tem a intromissão de outros no meio. Como é dito, não há a necessidade de prêmios, mais uma vez, existe apenas a vontade de se divertir e a de transformar todas as coisas em brincadeira. Através do brincar, a criança torna-se um ser ativo, desenvolve suas habilidades, seu poder de interagir com o meio sem perder a ludicidade, o que talvez seja o mais importante. Peregrino (2010), ao falar do ato de divertimento das crianças, compara o filósofo alemão Walter Benjamin (1892 – 1940) a Manoel de Barros:

É possível fazer uma leitura comparativa entre o pensador alemão e o poeta brasileiro refletindo sobre as contribuições de Benjamin à obra de Manoel de Barros, especificamente no que se refere à brincadeira infantil. Esta é uma recusa ao brincar que é, praticamente, imposto, hoje, pela sociedade, que, de modo geral, valoriza a indústria do brinquedo, cada vez mais produtora de objetos sofisticados para as crianças. Elas que poderiam brincar e criar a partir de detritos, como afirma Benjamin, de um canteiro de obra ou, como poetiza Manoel de Barros, a partir do contato com os seres do chão, encontrados no quintal (PEREGRINO, 2010, p. 68).

Em *Memórias inventadas* (2003), Manoel de Barros assemelha-se a esse pensamento do filósofo Walter Benjamin para mostrar um pouco mais da relevância que tem o conhecimento adquirido na infância, pois é através de ensinamentos e sensações que recebemos nessa época da vida que podemos nos ajudar na fase adulta. A ajuda, já citada, pode vir através da recordação de uma memória infantil, já que, quando criança, somos mais verdadeiros, sinceros e conseguimos enxergar com mais clareza.

Peregrino (2010, p. 70) mostra o interesse de Manoel de Barros sobre a percepção infantil do mundo e das coisas: “O poeta faz isso destacando o modo de a criança pensar, sentir e ver aquilo que a rodeia. Para isso, ele vai atrás dos “achadouros de infância”, isto é, momentos que lhe permitam o acontecimento da infância.” A obra barrosiana é muito voltada para esses “achadouros da infância”, que seriam todas aquelas lembranças e ações praticadas enquanto crianças e que são guardadas em nossa memória. Segundo Silva (2017, p. 215), em Barros, “[...] a realidade passa a ter sentido no momento em que é redimensionada pelo olhar

da infância que reconduz o tempo a um ponto neutro, ‘sem data’”. No livro *Memórias inventadas* (2003), temos uma dessas lembranças únicas que enfatizam muito o olhar do referido poeta sobre o que é ínfimo. Segue um trecho do poema:

Nas férias toda tarde eu via a lesma no quintal. Era a mesma lesma. Eu via toda tarde a mesma lesma se despregar de sua concha, no quintal, e subir na pedra. E ela me parecia viciada. A lesma ficava pregada na pedra, nua de gosto. Ela possuía a pedra? Ou seria possuída? Eu era pervertido naquele espetáculo (BARROS, 2003, p. V).

O poema fala do exercício natural que as crianças fazem de voltar os olhos para aquelas coisas que os demais não veem, por serem extremamente vistas, comuns. Como diz Peregrino (2010, p. 55), é a valorização daquilo que é tido como “[...] sem importância pelos olhos de quem busca finalidade em tudo e para quem tudo precisa servir e prestar para alguma coisa, tem, enfim, que ser útil”.

Essa composição, assim como muitas do poeta, fala destes momentos de comunhão com o que é simples e consigo mesmo, de ter esses momentos de percepção e reflexão a sós, pensando “em nada”, e esse pensamento é bastante importante para Barros, como ele diz: “se o nada desaparecer a poesia acaba. Eu sei. Sobre o nada eu tenho profundidades” (BARROS, 2013, s/p.). É também a respeito do olhar observador da criança que repara nos pequenos espetáculos que a natureza pode nos proporcionar.

O poema XIX, de *O livro das ignoranças* (2013), de Manoel de Barros, fala sobre o olhar inaugural da criança, já antes mencionado, que está a conhecer os sons, o mundo, as palavras e seus significados:

O rio que fazia uma volta
atrás da nossa casa
era a imagem de um vidro mole...
Passou um homem e disse:
Essa volta que o rio faz...
se chama enseada...
Não era mais a imagem de uma cobra de vidro
que fazia uma volta atrás da casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem
(BARROS, 2013, p. 279).

O poema mostra a criatividade e a imaginação que as crianças possuem para inventar nomes para as coisas que ainda não conhecem. Pode-se ver a quebra de expectativa que existe após a criança descobrir que não se tratava mais de uma “cobra de vidro” e sim de uma

“enseada”, um nome que não é tão criativo nem bonito quanto o anterior. A criança não tem essa preocupação de saber o real nome da curva do rio, já que o mais interessante para ela é o fato de nomear as coisas, a partir da ideia que essas coisas criam em sua imaginação. Segundo Scotton (2004):

A pretensa sabedoria do adulto, calcada na didatização, acaba por desencorajar a imaginação da criança. Jobim & Souza (1994: p. 89) entende que ‘a criança emprega suas mágicas usando metamorfoses múltiplas, só ela dispõe tão bem da capacidade de estabelecer semelhanças. Esse dom a separa dos adultos, cuja imaginação se encontra tão bem adaptada à realidade’, adaptação que pode levar à perda do potencial libertador que tem a palavra (SCOTTON, 2004, p. 5).

O quintal também é um lugar bastante explorado na obra de Barros e que se associa ao local onde as crianças constroem seu mundo e nele reinam pedras, detritos, árvores e animais:

Em Manoel de Barros, pouco ocorre no interior e muito se dá no exterior da casa, espaço em que há contato com a natureza. Nesse terreno, brinca o menino de Memórias inventadas. Ao quintal é associada uma lembrança de algum aprendizado ou alguma brincadeira. O menino que brinca nele diverte-se com bichos, palavras, pedras, etc. (PEREGRINO, 2010, p. 72).

Esse “terreno” pode se tornar infinito dependendo da extensão do pensamento da criança. “Tenho abundância de ser feliz por isso. / Meu quintal é maior que o mundo.” (BARROS, 2015, p. 149). As coisas encontradas nele, como pedras, bichos e latas, podem ganhar formas de brinquedos, de fantasias e histórias divertidas, como uma pedra que pode ser transformada em algum animal, uma lata que pode adquirir a função de carro, como no poema “Eras”, presente no livro *Exercícios de ser criança* (1999), que fala: “Antes a gente falava: faz de conta que / este sapo é pedra. / E o sapo eras./ Faz de conta que o menino é um tatu / E o menino eras um tatu;”. Mais uma vez, há a lição dada pela criança ao adulto diante da importância atribuída às coisas:

Achava que os passarinhos
são pessoas mais importantes
do que aviões.
Porque os passarinhos
Vêm dos inícios do mundo.
E os aviões são acessórios
(BARROS, 2013, p. 465).

Nesse trecho do poema “Cantigas por um passarinho à toa”, é possível ver a importância que Manoel de Barros dá ao olhar da criança para as coisas consideradas invisíveis e insignificantes para os adultos. A criança, com o seu olhar sensível e muitas vezes tido como ingênuo, consegue visualizar a relevância dos passarinhos, o que muitas vezes nós, adultos, ignoramos. No trecho “que os passarinhos são pessoas mais importantes do que aviões”, pode-se perceber a atribuição do substantivo “pessoa” aos passarinhos e, assim, é possível notar a seriedade com que a criança contempla os bichos. O poeta, por meio da visão do menino, descarta toda a magnitude que damos aos aviões e os trata apenas como “acessórios” e, conseqüentemente, revela a importância que dá aos seres da natureza e ao olhar das crianças para as coisas.

Foi percebendo esse olhar infantil que o cantor, compositor e instrumentista Márcio de Camillo, nascido em Mato Grosso do Sul, interessou-se pela poesia de Manoel de Barros e decidiu se dedicar a criar algo que pudesse ser alcançado pelo público que o poeta tanto se inspirou para fazer seus poemas, as crianças. Camillo organizou, em 2012, um CD chamado *Crianceiras*, no qual estão musicados dez poemas de Manoel de Barros interpretados pelo músico junto a quinze crianças nos vocais.

1.1 *Crianceiras*: do CD ao aplicativo

O CD *Crianceiras* foi indicado como um dos três melhores álbuns infantis pelo “Prêmio da Música Brasileira” em 2016. Vale mencionar que a capa do disco é ilustrada pela filha do poeta, Martha Barros. No site do projeto, há uma fala de Camillo explicando a intenção do *Crianceiras*:

O projeto *Crianceiras* nasceu do desejo de reverenciar a obra de Manoel de Barros, através de minha música. Ao mergulhar em sua obra, percebi o quanto era lúdico aquele universo de encantamento e descobertas, vividas pelo poema em sua infância pantaneira. Assim, surge a ideia de musicar sua obra para o público infantil, criando uma ponte entre a poesia e a melodia, de forma que seus versos pudessem ser entoados como o canto dos passarinhos, e levados com o vento, sem direção... (CAMILLO, s/d., *online*).

É sabido que a música proporciona inúmeros benefícios para as crianças, como desenvolver a sensibilidade quanto aos sons, “beneficiar o uso da voz falada e cantada; estimular a criatividade em todas as áreas; desenvolver as percepções auditivas, visual e tátil; aumentar a concentração, a atenção, o raciocínio, a memória, a associação, a dissociação, a codificação, a decodificação etc.” (GOHN; STAVRACAS, 2010, p. 87). Por isso, projetos

como esse são fundamentais para que os pequenos tenham o contato com a música de maneira lúdica, sensível e delicada, aproximando-as também da poesia que para muitos parece ser um gênero literário ainda mais difícil de ser compreendido pelas crianças, já que, também segundo Gohn e Stavracas (2010):

Quando a criança ouve uma música, aprende uma canção, brinca de roda, participa de brincadeiras rítmicas ou de jogos de mãos recebe estímulos que a despertam para o gosto musical, introduzindo no seu processo de formação um elemento fundamental do próprio ser humano. (GOHN; STAVRACAS, 2010, p. 90).

Além de fazer com que as crianças sejam seres ativos desse processo criativo e não só meros receptores dele, como no caso do projeto *Crianceiras*, em que as crianças interpretam as canções junto a Márcio de Camillo, faz com que elas se sintam seres autônomos, importantes, e isso traz inúmeros benefícios. Em concordância com Gohn e Stavracas (2010), através da música, a criança tem a oportunidade de entrar em contato com seu corpo físico se percebendo como ser que pode se movimentar, agir, interagir, perceber, adquirindo e desenvolvendo suas habilidades e comportamentos criativos que irão contribuir para a sua formação como ser humano.

De fato, o projeto alcançou outros voos e, após o lançamento do CD, suas músicas se tornaram videoclipes de animação, estreando no Gloob, canal infantil da Globosat, e, há cerca de um ano, foram amplamente divulgados no canal do *Crianceiras* na plataforma Youtube. Em seguida, também concebido por Camillo, surge o espetáculo do projeto com a ideia de unir “teatro e cinema de animação, música, tecnologia digital e literatura, fazendo-se ponte da obra poética.” (CRIANCEIRAS, n.d., *online*).¹ O espetáculo é inspirado nas iluminuras de Martha Barros, termo que Manoel de Barros costumava usar para se referir às criações da filha, sob a direção de Luiz André Cherubini e com a estética teatral do Grupo Sobrevento de Teatro de Animação (CRIANCEIRAS, n.d., *online*).

Durante a apresentação (Figura 1), há a integração dessas várias áreas do mundo artístico já citadas, como, por exemplo, a interação dos personagens da trama (Sabastião, o Caranguejo Se Achante, Bernardo, entre outros, todos personagens presentes na obra de Manoel de Barros) com as ilustrações de Martha Barros que dançam, movimentam-se e têm expressões como se de fato estivessem fazendo parte – e fazem – do espetáculo. O público de espectadores, em sua maioria crianças, também não são apenas espectadores, elas participam

¹CF. Site *Crianceiras*. Disponível em: <<http://crianceiras.com.br/manoel-de-barros/espetaculo>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

do espetáculo cantando junto a Márcio de Camillo e aos personagens, subindo ao palco para interagir com eles, ou seja, são seres ativos que usufruem daquilo que foi pensado para eles.

Figura 1 - *Print do teaser oficial do espetáculo Crianças tirado de vídeo disponibilizado na plataforma Youtube.*



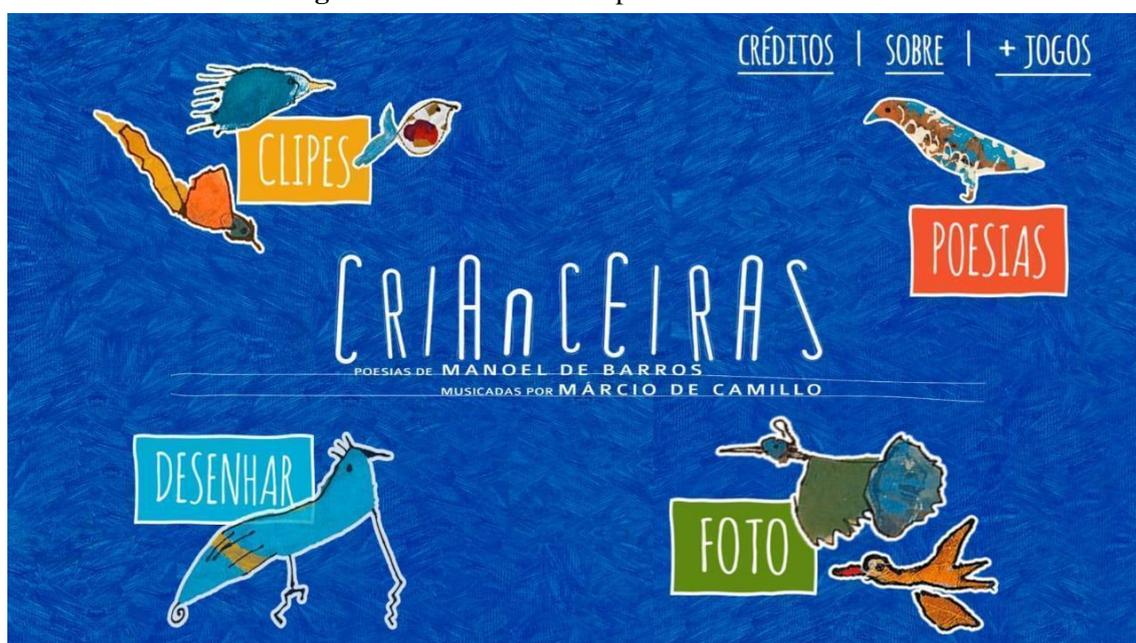
Fonte: Youtube (2012)

Já em 2016, no dia das crianças, foi lançado o aplicativo *Crianças*, objeto de estudo deste trabalho e que será detalhado logo a seguir, disponível tanto no *Google Play* quanto na *App Store*, com a proposta de aproximar ainda mais as crianças das poesias de Manoel de Barros. Por último, no ano de 2017, surgiu o “Projeto Escola” com a intenção de proporcionar a oportunidade de alunos e professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental assistirem ao espetáculo anteriormente mencionado. Na descrição do “Projeto Escola”, presente no site do projeto *Crianças*, é dito que a grande ideia do projeto é estimular nas crianças o gosto pela arte, despertando sua sensibilidade e senso crítico. Iniciativas como essa são importantes, porque ajudam a incentivar a musicalização nas escolas desde a educação infantil para possibilitar que todos tenham acesso ao conhecimento musical, já que a música faz parte da cultura humana e deve ser direito garantido a todos o acesso a ela.

Passamos, então, como dito anteriormente, à descrição mais detalhada do aplicativo *Crianças*. O aplicativo, desenvolvido pela *Webcore Games*, foi lançado no dia 12 de outubro de 2016, dia das crianças, também com as músicas de Márcio de Camillo cantadas com o coral infantil, já presentes no disco e no espetáculo, e as “iluminuras” de Martha Barros.

O ícone do aplicativo é a ilustração que representa o personagem Bernardo. Ao clicar nesse ícone e abrir o aplicativo, na tela inicial (Figura 2), há um fundo azul que se movimenta com as quatro funções principais disponíveis, distribuídas pelos quatro cantos da tela: “Clipes”, “Desenhar”, “Poesias” e “Foto”. Em cada uma dessas palavras, há passarinhos em volta se movimentando; o aplicativo, ainda, contém o som desses pássaros. No canto superior direito, há mais três funções “menores”: “Créditos”, “Sobre”, e “+Jogos”, a primeira contém as pessoas responsáveis pela feitura do aplicativo e qual função elas tiveram, assim como quais foram os patrocinadores do *app*, o “Sobre” conta um pouco a respeito de como surgiu o projeto *Crianceiras* e qual a trajetória dele até chegar ao aplicativo, a última função direciona para outros jogos da *Webcore Games*. No meio da tela, fica o nome do aplicativo, *Crianceiras*, também em movimento e, logo abaixo, está escrito: Poesias de Manoel de Barros musicadas por Márcio de Camillo com uma fonte menor. Ao clicar em qualquer uma das quatro funcionalidades principais, os passarinhos que estão em volta da palavra clicada voam nos “guiando” à próxima tela.

Figura 2 – Tela inicial do aplicativo *Crianceiras*



Fonte: *Webcore Games. Crianceiras. (2016)*

A função “Desenhar” apresenta um fundo verde e, centralizada, há a frase “Escolha uma textura” em movimento, semelhante à primeira função, e espalhados pela tela estão pentágonos com diferentes texturas e cores a serem escolhidos; além disso, um pássaro azul fica passando de um lado para o outro da tela. Ao escolher uma das texturas, a próxima tela se torna um fundo com a textura escolhida e dos dois lados há alguns “materiais” para os

desenhos serem feitos, como alguns pássaros que podem ser colocados na tela, um lápis, borracha e, no canto superior direito, a opção “salvar”.

A terceira funcionalidade, “Poesias”, apresenta-se com um fundo azul claro, assim como as outras funções; há a frase “Escolha uma poesia” se movimentando e as quatro poesias disponíveis em cima de um caderno. Os poemas escolhidos para essa função foram “Sombra boa”; “O menino e o rio”; “Bernardo” e “Se achante”; cada um deles tem ao lado uma ilustração de Martha Barros representando o personagem do poema. No primeiro, estão Sombra Boa e o cachorro Ramela; no segundo, o menino; no terceiro, Bernardo; e, no quarto, o caranguejo. Quando escolhidos, cada um dos poemas interage com o leitor a partir de palavras que podem ser clicadas na tela. Como exemplo, no poema “Sombra boa” (Figura 3), há a possibilidade de clicar na palavra “ingazeiro” e, então, o significado dela aparece na tela e uma voz masculina lê o significado; além disso, ao clicar na palavra “Ramela”, a ilustração do cachorro passa correndo e latindo enquanto atravessa a tela.

Figura 3 – Poema “Sombra boa” encontrado na função “Poesias”



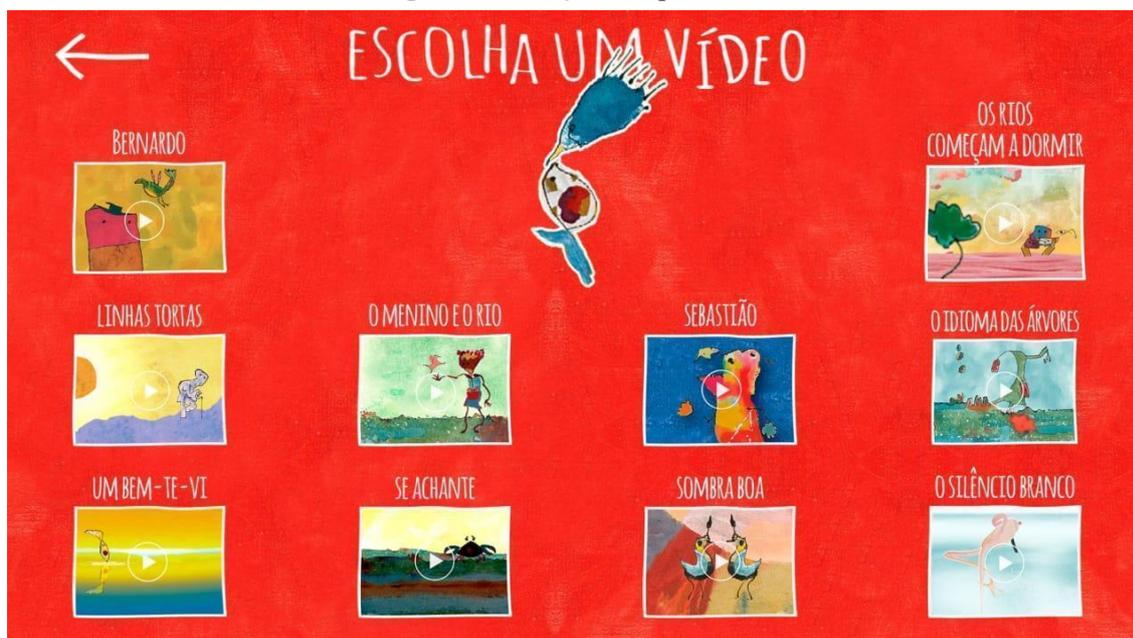
Fonte: *Webcore Games. Crianças. (2016)*

A última função do aplicativo é “Foto”. Ao clicar nela, a próxima tela possui um fundo laranja com duas opções disponíveis lado a lado, “Escolha uma foto” para as fotos da galeria ou “Tire uma foto” para a foto que será tirada na hora. Nessa função, os sons dos passarinhos estão presentes e, em cada uma das opções, há um pássaro do lado que voa quando a opção que ele “faz parte” é escolhida. Nessa funcionalidade, é possível acrescentar ilustrações de Martha Barros como pássaros, peixes, a uma foto tirada da pessoa que está

usando o aplicativo, seja através de uma fotografia tirada com a câmera do aplicativo, seja com uma foto da galeria, deixando a foto com “a cara” do aplicativo. No canto esquerdo inferior, há a opção “salvar”.

A função pela qual o aplicativo se tornou mais conhecida é a “Clipes” (Figura 4), a tela em que eles estão disponíveis tem o fundo vermelho e, centralizada na parte superior, há a frase “Escolha um vídeo” em movimento; além disso, há dois passarinhos passando pela tela e um peixe se mexendo de um lado para o outro interagindo enquanto o clipe que será assistido ainda não é escolhido. Os clipes são a junção dos poemas musicados por Márcio de Camillo e cantados com o coral infantil, ou seja, o CD *Crianceiras* e as ilustrações de Martha Barros dando vida ao que está sendo cantado. Nessa tela, da esquerda para a direita, os clipes estão dispostos na ordem: “Bernardo”; “Linhas Tortas”; “Um bem-te-vi”; “O menino e o rio”; “Se achante”; “Sebastião”; “Sombra Boa”; “Os rios começam a dormir”; “O idioma das árvores”; “O silêncio branco”.

Figura 4 – Função “Clipes” do *Crianceiras*



Fonte: Webcore Games. *Crianceiras*. (2016)

Segundo Márcio de Camillo (2019), idealizador do *Crianceiras*, em entrevista concedida para esta pesquisa (Apêndice A), todo o projeto foi construído ao lado de Manoel de Barros, com quem ele conviveu por muitos anos, de maneira que, de acordo com Camillo, o próprio poeta era o revisor da obra. Quando o músico teve a ideia do projeto, quis saber a opinião de Manoel de Barros, e o único pedido que o poeta lhe fez foi “não invente palavras porque isso eu já fiz”. Sendo assim, cada verso, cada palavra que aparece desde o início no

Crianceiras foi respeitada da forma como está presente na obra de Manoel de Barros. Esse projeto pode ser considerado o último do poeta em vida. Conforme Camillo, foi a conclusão de sua obra em que o poeta pôde ver o seu olhar infantil chegando até o público que ele sempre falou, às crianças.

2. UM MOMENTO GENESÍACO: NOVAS FORMAS DE SE FAZER LITERATURA

Desde o seu surgimento, a literatura infantil foi uma combinação entre linguagem verbal e não verbal. Quando se pensa em como as histórias eram passadas de geração para geração antigamente, há a conexão entre as palavras contadas e as expressões, a tonalidade, os gestos, os sons produzidos por quem contava as histórias, dando vida a essas palavras (MORAES, 2015). Além de que, com o passar dos anos, até a chegada dos primeiros livros infantis, a presença de desenhos ou imagens que acompanhavam as histórias ou poemas já existiam (MORAES, 2015).

Para Chartier (2000 apud CARVALHO, 2010), o processo histórico da leitura divide-se em três revoluções que vão ampliar as maneiras de se ler e de se entender uma obra. A primeira se dá nesse momento em que há a chegada da impressão e os leitores precisam ultrapassar uma cultura oral, “[...] na qual ler em voz alta era indispensável para a compreensão do significado, para uma leitura visual, puramente silenciosa” (CHARTIER, 2000 apud CARVALHO, 2010, p. 155); a segunda revolução é caracterizada, no século XVIII, com o surgimento de novos gêneros, a exemplo do romance, assim como com a ampliação do público leitor, no século XIX, que deixa de ser somente formado pela burguesia, pelos homens e adultos e também passam a ser compostos pelos trabalhadores, pelas mulheres e crianças que vão representar não só um novo número de leitores, mas também uma “[...] diversidade de práticas de leituras em faces das peculiaridades das diferentes comunidades de leitores” (CHARTIER, 2000 apud CARVALHO, 2010, p. 155).

A terceira revolução apontada por Chartier (2000 apud CARVALHO, 2010) ocorre com a chegada da tecnologia que fez com que os textos deixassem de estar apenas em mãos e passassem a estar também nas telas dos computadores, o que causou alterações nas relações entre texto e leitor, como por exemplo “a distinção entre escrever e ler, entre autor do texto e o leitor do livro, que é imediatamente discernível na cultura impressa, dá lugar agora a uma nova realidade: o leitor torna-se um dos possíveis autores de um texto multimidiático.” (CHARTIER, 2000 apud CARVALHO, 2010, p. 155).

Essa revolução permaneceu acontecendo na medida em que os textos não só passaram a também ser lidos no computador, com a digitalização de obras impressas, surgindo os *e-books*, mas criados para serem lidos virtualmente, como é o caso de *blogs* e sites pessoais que qualquer pessoa pode criar para divulgar suas obras, sem nenhum custo, o que não é o caso dos livros impressos. Segundo Kirchof (2016):

A tecnologia digital não permite apenas “digitalizar” todo e qualquer texto já existente em suporte impresso ou utilizar diferentes plataformas de mídia

para construir narrativas transmídia. Ela também permite “produzir” textos de maneiras antes impossíveis. Com inúmeros programas existentes, é possível criar textos híbridos e dinâmicos que mesclam recursos de hipertexto, multimídia, interatividade, agregando som, letras, imagens, movimento e possibilidade de ler utilizando múltiplas plataformas (KIRCHOF, 2016, p. 208).

Voltando-se para a literatura infantil, há o surgimento de plataformas como o site *Ciber&Poemas*, do autor Sérgio Capparelli e da designer gráfica Ana Cláudia Gruszynski, que transformou os poemas do livro homônimo em criações hipermediáticas. O site é dividido em duas seções: “Poesia Visual” e “Ciberpoemas”, sendo a primeira uma seção em que o leitor tem a oportunidade de conhecer dez poemas visuais e, ao escolher cada um, há a possibilidade de interagir com eles, dando zoom, diminuindo, movimentando os poemas. Além disso, o leitor pode deixar suas impressões acerca dos poemas em um mural de recados. A segunda seção “[...] traz dez textos poéticos, alguns deles encontrados, também, na seção visual, os quais exploram de várias formas as potencialidades da hipermídia, além de propor interações lúdicas em alguns dos poemas” (CAPALESSO, 2010, p. 97).

Apesar de estar inserido em um contexto diferente, em que as possibilidades de “interação” do leitor com o texto são cada vez maiores, a intenção do *Crianceiras* se assemelha à de Capparelli no que diz respeito à intenção de se criar algo do tipo. Tanto Márcio de Camillo com o *Crianceiras* (2016) quanto Capparelli com o *Ciber&Poemas* buscaram, a partir dos novos contextos tecnológicos de suas respectivas épocas, divulgar poesia e tentar aproximar as crianças da literatura através de ferramentas a que grande parte delas têm acesso cotidianamente, como computadores, *tablets*, celulares, além do recurso da ludicidade.

Assim, como o acesso a todas as poesias no site de Capparelli foi disponibilizado de maneira gratuita, o aplicativo *Crianceiras* (2016) também foi, deixando, desse modo, um pouco mais amplo o acesso das crianças ao aplicativo, já que uma das grandes discussões acerca da literatura infantil digital é o seu difícil acesso. Sabemos que muitos aplicativos são disponibilizados apenas em parte gratuitamente, como também apenas em um sistema, IOS ou Android, o que faz com que essa literatura chegue a uma parte bastante pequena da população infantil.

Um outro exemplo de produção literária digital pioneira no Brasil são os poemas digitais de Ângela Lago (1945 – 2017) disponibilizados na plataforma Youtube e que, “[...] em sua maioria, foram produzidos a partir de *Ave, palavra* (2009), livro póstumo de João Guimarães Rosa.” (MORAES, 2015, p. 242). Esses poemas se constituem em cinco pequenos

vídeos que têm em torno de 20 segundos de duração em que uma “[...] pequena frase de Guimarães Rosa é animada com cor, imagem, som e movimento” (MORAES, 2015, p. 242).

Frases que mais parecem versos poéticos e que fizeram a autora e ilustradora Ângela Lago transformá-los em algo além, ampliando-os, como é o caso do verso “[...] o urubu é que faz castelo no ar” em que, antes dele aparecer, há um fundo azul claro na tela, como se fosse o céu, e o que parece ser uma gaivota voando nesse céu que vem pairando e se transforma na palavra “urubu”, se unindo ao resto do verso. “Ainda que não venha com a etiqueta de literatura infantil, ou mesmo de poesia digital para crianças, os modos semióticos música, tipográfica e imagem em movimento acrescentam humor ao texto” (MORAES, 2015, p. 244) e proporcionam que leitores crianças compreendam os poemas.

Os exemplos citados foram apenas algumas das criações que surgiram ligadas ao universo tecnológico e se apropriaram dele para fazer atrair novos leitores: “A partir do século XXI, o desenvolvimento de tecnologias computacionais móveis como *e-readers*, *tablets* e *smartphones*, introduzem a ideia do livro – em formato de códice – não mais como a única fonte de experiências narrativas para crianças” (PINTO; ZAGALO; COQUET, 2013 apud CALDAS, 2019, p. 38).

Como se pode perceber, até chegarmos aos *book-apps* ou livros-aplicativos, isto é, narrativas que “utilizam imagens, sons e interações, nos quais o texto resulta em uma combinação de várias mídias” (PINTO; ZAGALO; COQUET, 2013 apud CALDAS, 2019), um longo caminho foi percorrido. Conceitos como interatividade tornaram-se mais utilizados para caracterizar essas obras que exigem do leitor um movimento de não apenas ler um texto, verbal ou não verbal, mas que possa se conectar com a obra através de “nós e nexos, num roteiro multilinear, multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, música, vídeo etc.”, o que o caracteriza como um leitor imersivo, virtual. (SANTAELLA, 2004 apud CARVALHO, 2010, p. 157).

Entretanto, essa interatividade entre leitor e obra ou leitor e autor não passou a acontecer somente agora, com a ampliação cada vez maior da literatura digital, mas ocorre desde a literatura impressa, já que a partir do momento em que uma obra é criada, ela deixa de pertencer somente ao autor e passa a ser também do leitor, que irá lê-la e, mais que isso, interpretá-la a partir de suas vivências, de seu repertório sociocultural. Sendo assim, a literatura sempre foi uma cocriação entre autor e leitor, até porque os atos de explicar, interpretar são intrínsecos ao ser humano, segundo HILLESHEIM *et al.*, 2011). Os autores trazem a seguinte reflexão a partir dos estudos de Zilberman:

[...] podemos considerar que ler também implica ocupar-se com os pensamentos dos outros, assumindo uma relação dialógica entre o leitor e o texto. Ocupar-se com pensamentos alheios não significa somente compreendê-los, mas também alterar aquele que pensa, o qual se deixa afetar pelo que lê, abandonando a própria segurança para experienciar outros modos de ser, pensar e agir. Desse modo, ler implica apreender não somente sobre o que se lê, mas principalmente sobre si mesmo (HILLESHEIM *et al.*, 2011, p. 309).

Tal citação mostra que, na verdade, faz parte da literatura como um todo, desde o momento em que ela passou a existir até os dias atuais, essa interação entre autor e leitor e como isso afeta ambos e amplia suas experiências. É esse o maior efeito que a literatura pode causar: a transformação de um indivíduo através da experiência estética.

2.1 Literatura na palma da mão: uma mostra de outros *book-apps*

A revolução ocorrida com a literatura digital se deu pelo fato de que, nessa nova forma de fazer literatura, o nível de “parceria” entre autor e leitor aumenta, fazendo com que o lugar de intérprete da obra ocupado pelo leitor se estenda ao ponto de ele se tornar também autor dela, como é o caso de aplicativos como o *Toontastic 3D* (2017), que oferece “[...] uma experiência mais imersiva e criativa por possibilitar que o leitor-autor crie sua própria narrativa digital 3D gravando sua voz e em seguida reproduzindo sua gravação.” (CALDAS, 2019, p. 95).

O referido aplicativo dá às crianças a oportunidade de serem “diretores” de sua própria história, podendo escolher cenários, personagens ou até mesmo criá-los e, a partir deles, imaginar uma história. Nesse caso, o leitor se utiliza de seu “[...] papel fundante como cocriador e contribui decididamente para realizar a obra”. (MACHADO, 1997, p. 202). No caso dessa obra, o leitor tem uma *participação criativa* em que ele interfere explicitamente no próprio desenvolvimento da história, sendo o mais alto grau de intervenção observado, utilizando o termo criado por Ramada (2017 apud CALDAS, 2019), para elencar os graus de participação interativa que o leitor tem na obra. Os outros dois graus pensados pelo autor são:

[...] *participação mecânica*, que se constitui de uma ação repetitiva por parte do leitor e que ainda é bastante recorrente nas obras digitais para crianças atualmente, podendo ser compreendida próxima da interação reativa denominada por Primo (2011). A *participação lúdica*, por sua vez, como segundo tipo, indica uma intervenção de caráter lúdico pelo leitor-autor (ou “lautor”), o qual se envolve na narrativa através de processos de gamificação (CALDAS, 2019, p. 75, grifos da autora).

Diversos estudiosos buscam acompanhar os efeitos dessa nova forma de fazer literatura, assim como analisam tais obras que estão sendo criadas no universo digital, quais os graus de participação do leitor que a obra proporciona, como feito por Ramada (2017 apud CALDAS, 2019), aspectos como disponibilidade, multimodalidade, complexidade interpretativa (CORRERO; REAL, 2018) e a própria qualidade estética da obra.

O livro-aplicativo *Es así* (2011) analisado por Moraes (2015), publicado na Colômbia pela editora Fondo de Cultura Económica, foi criado a partir do livro ilustrado homônimo da autora chilena Paloma Valdivia. “As ilustrações da tela inicial, um ovo num ninho, um pássaro pousado sobre o título e um gato abaixo à espreita, anunciam o tema a ser tratado na história: o nascimento e a morte.” (MORAES, 2015, p. 246).

Em uma das telas do aplicativo, através da linguagem verbal, é contado “[...] o que acontece com “os que partiram”, com “nós, que ficamos” e com “os que chegam”. Há nessa voz um tom tranquilizador que busca apresentar “o fato de nascermos e morreremos como um componente natural da vida.” (MORAES, 2015, p. 248). Utilizando a música como um elemento forte da narrativa contada, sendo a trilha sonora formada quase completamente pela “Opus 15”, composição de Robert Schumann (1810 – 1856), atrelada às imagens e à linguagem verbal, “a história se costura e permite ao leitor interagir e se comunicar com o texto.” (MORAES, 2015, p. 248).

Um novo olhar proporcionado por essas novas formas de se fazer literatura está relacionado ao conceito de autoria. Com os livros impressos, apesar de ser do conhecimento geral, que até o livro chegar às livrarias, inúmeros profissionais de diferentes áreas estão envolvidos, sabe-se que popularmente o livro fica conhecido como sendo daquele que o escreveu e no máximo de quem o ilustrou. Para Moraes (2015), a ideia tradicional de autoria de alguma forma foi posta em xeque com a literatura digital. Não há como pensar em apenas uma pessoa quando se fala dos *book-apps*, pelo menos não deveria haver, já que uma gama de profissionais está interagindo para que o aplicativo aconteça, como designers, animadores gráficos, programadores, por exemplo. Ainda, segundo Moraes:

A produção de um aplicativo digital envolve, portanto, diversas habilidades, meios e modos. Desta forma, as questões sobre sua autoria devem merecer reflexões mais aprofundadas, a fim de compreender como a multimodalidade proporcionada pelas novas tecnologias problematiza essas concepções e que saídas oferece para a questão (MORAES, 2015, p. 247).

Esse fato já é observado pelos autores do site *Ciber&Poemas*, Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynski, quando logo na primeira tela, ao passarmos o mouse sobre a palavra “Ciberpoema” centralizada, há um pequeno texto informando:

Na recriação eletrônica dos poemas, foram utilizados diversos softwares. Uma pergunta se impõe: quem é o autor desses ciberpoemas? A resposta pode ser complexa, porque a construção hipertextual é de responsabilidade de um webmaster e o “leitor” participa também da sua produção enquanto autor interativo (CIBER&POEMAS², s/d., *online*).

De fato a autoria não está mais centralizada na figura de uma única pessoa, como podemos também perceber ao abrirmos a aba “créditos” no aplicativo estudado neste trabalho, pois lá estão disponibilizados os nomes de todos os envolvidos na produção do aplicativo, desde Manoel de Barros com as poesias, Márcio de Camillo como compositor e intérprete até o estúdio responsável pelo *design* do aplicativo e a assessoria de imprensa, por exemplo.

Outra questão que a literatura digital infantil sofre, ainda mais os livros-aplicativos, diz respeito à sua efemeridade, ou seja, como eles podem desaparecer rapidamente. Desaparecer não no sentido de deixar de ser apreciado ou conhecido pelas pessoas, mas no sentido literal da palavra, como no caso do aplicativo *Es así* (2011) que, ao procuramos durante a escrita deste trabalho para que pudéssemos analisá-lo, não foi encontrado, não havendo mais “vestígios” dele na internet, apenas informações sobre o livro que o inspirou. Com um livro impresso, isso dificilmente pode acontecer, embora possa não alcançar um número significativo de pessoas e não se tornar conhecido ou possa ter poucas edições e pare de ser vendido; de qualquer forma, raramente um livro vai deixar de existir, já que não tem como “desfazer” sua materialidade. O aplicativo *Es así* (2011) é um exemplo disso, visto que não se encontra mais disponível em nenhuma plataforma digital para ser baixado, tendo sua visualização restringida apenas àquelas pessoas que já o tinham antes de ele ser retirado das plataformas.

O próximo livro-aplicativo a ser comentado se chama *Pequenos grandes contos de verdade* (2015), vencedor do Prêmio Jabuti em primeiro lugar na categoria Infantil Digital, em 2016, analisado pelas autoras Matsuda e Conte (2018). O *book-app* é baseado no livro impresso *I found a star*, do ilustrador chinês Oamul Lu, que possui “[...] dez histórias de um parágrafo e acompanham, cada qual, quatro ilustrações de Lu” (MATSUDA; CONTE, 2018, p. 89). Desenvolvido pela Editora Caixote, foram escolhidas três histórias das dez originais pela sócia e editora, Isabel Malzoni e pelo diretor de arte que criou as interatividades no

² <http://www.ciberpoesia.com.br/>

aplicativo, Per Gustav Hornell. Segundo ambos, essas histórias foram escolhidas por considerarem que elas tinham maior potencial para a exploração em formato digital e porque eram baseadas em fatos reais (MATSUDA; CONTE, 2018).

No referido aplicativo, existem as opções de leitura tradicional, ou seja, com o texto escrito na tela e também a opção de “leia para mim” para a narração oral. Há ainda a possibilidade de o próprio leitor gravar a narração com sua voz, para que, posteriormente, possa ouvir a história contada por ele mesmo, através da opção “Leitura especial”. As três histórias escolhidas se chamam “A árvore do urso”, “Feliz Natal” e “Bem agasalhados”. Todas se relacionam por falarem de solidariedade e empoderamento, segundo Malzoni (2016 apud MATSUDA; CONTE, 2018). Elas utilizam música instrumental de fundo, efeitos sonoros, interatividade e animação.

A primeira história, “A árvore do urso”, fala de um menino que vai a um zoológico, conhece um urso e considera-o muito triste e solitário. Assim, o menino tem uma ideia para deixar o urso feliz. Decide fazer sucos de maçã para vender no mercado local e com a ajuda do leitor, através dos recursos interativos, alcança seu objetivo de juntar dinheiro para comprar uma árvore para o recinto do urso, o que deixa o animal bastante feliz.

A próxima história, “Bem Agasalhados”, fala da situação de pinguins que sofrem com o vazamento de um navio que viajava pela costa da Nova Zelândia em que um produto gruda na pele dos animais fazendo com que eles fiquem doentes e percam sua proteção contra o frio, de forma que uma veterinária tem uma ideia: fazer casacos de lã para vestir os pinguins: “A ideia se espalha pelo país e várias pessoas tricotam casacos para salvar os pinguins, que desfilam, então, alegremente vestidos” (MATSUDA; CONTE, 2018, p. 94).

A última narrativa, “Feliz Natal”, conta a história de um menininho que, ao se mudar para uma casa nova, percebe que a chaminé dela é muito pequena e se preocupa com o fato de o Papai Noel entrar com os presentes de Natal. Então, o menino, com a ajuda da mãe, escreve uma carta para o construtor que ajuda a resolver o problema aumentando o tamanho da chaminé, possibilitando a entrada do bom velhinho e fazendo com que todos tenham um Natal feliz. Segundo as autoras:

Notamos, assim, que o valor da solidariedade, já focalizado pela própria trama, pela narrativa textual, é reforçada pelo recurso da interatividade. Ou seja, nas interações, o leitor ajuda o personagem principal a auxiliar outro personagem. O fato de contar com múltiplas linguagens enriquece a poética do texto e a interatividade ajuda a reforçar a intencionalidade da narrativa, porque leva o leitor a também ser solidário com os personagens (MATSUDA; CONTE, 2018, p. 96).

Algo mencionado por Malzoni (2016), da Editora Caixote, foi que a intenção deles ao criarem as interatividades para as narrativas foi fazer com que os leitores se sentissem motivados a ajudar os personagens de modo que a história fosse contada de um jeito ainda mais encantador, entretanto, eles tomaram cuidado para não criar momentos desnecessários de interatividade que pudessem atrapalhar a narrativa, já que o mais importante é a história, não esses recursos.

2.2 O aplicativo *Crianceiras* analisado pela ótica da ficha de avaliação de Correro e Real (2018)

Sabemos que as pesquisas estudando livros-aplicativos, analisando-os, destacando sua importância e seu impacto na literatura ainda são poucas, por isso trouxemos parte dessas pesquisas no presente trabalho a fim de dialogar e alargar os horizontes do nosso estudo. Desse modo, retornaremos ao aplicativo *Crianceiras* (2016) para analisá-lo a partir de dados destacados nas pesquisas citadas na seção anterior e, sobretudo, a partir das categorias elencadas e descritas por Correro e Real (2018). Tais categorias não analisam aspectos de sua composição artística, ou seja, sua qualidade estética, pois as teorias que amparam essa discussão estética a respeito do livro digital ainda estão em construção.

As categorias propostas pelas autoras citadas compõem uma ficha de avaliação criada por elas, resultado de pesquisas feitas por outros estudiosos em trabalhos anteriores, para ser uma ferramenta de avaliação da literatura infantil digital que facilite a vida dos educadores literários que trabalham fora do ambiente acadêmico, ou seja, a ficha precisava ser: clara, breve e simples (CORRERO; REAL, 2018).

Assim, a ficha de análise das autoras abarca três dimensões: aspectos formais, conteúdo e adequação ao leitor das obras. A dimensão de aspectos formais se subdivide em: disponibilidade, segurança e elementos paratextuais. Já a dimensão de conteúdo se subdivide em: produto editorial, opções de personalização, multimodalidade, participação e complexidade interpretativa. Por último, a adequação ao leitor das obras se subdivide em: destinatário potencial. Para fins de uma melhor compreensão de cada uma das categorias e subcategorias propostas na ficha, traremos um quadro criado pelas autoras que resume cada uma (Quadro 1).

Quadro 1 - Ficha de avaliação da Literatura Infantil Digital (LID)

Dimensões	Parâmetros	Indicadores
Aspectos formais		
	Disponibilidade	Acessibilidade e operatividade Atualização permanente de conteúdos
	Segurança	Sistema de controle parental e de proteção do menor Controle sobre as compras
	Elementos paratextuais	Ergonomia e navegação Ícones
Conteúdo		
	Produto editorial	Contexto de criação e agentes implicados
	Opções de personalização	Línguas Tipografia Tipo de leitura Efeitos sonoros Personagens Cenários geográficos e temporais Geolocalização
	Multimodalidade	Relação entre texto, imagem, som, animação e jogo
	Participação	Grau e tipo de participação
	Complexidade interpretativa	Conjugação de todos os conteúdos da obra
Adequação ao leitor		
	Destinatário potencial	Etapa evolutiva Nível de familiarização tecnológica Grau de educação literária digital

Fonte: Correro e Real (2018, tradução nossa).

A partir dessa ficha, será feita uma análise qualitativa do aplicativo *Crianceiras*, já descrito no primeiro capítulo deste trabalho. Para os fins desta pesquisa, analisaremos com mais afinco uma das funções do aplicativo, “Clipes”, em que estão as poesias musicadas por Márcio de Camillo, e também o aplicativo de maneira geral, sem nos determos nas outras funções – “Poesias”, “Desenhar”, “Foto” - que ele oferece. A escolha por essa função do aplicativo se deu pelo fato de que como planejamos uma oficina em sala de aula, acreditamos que dentre as funções do *Crianceiras* é esta a que mais pode ser explorada em um projetor, já que as crianças não poderão conhecer o celular por elas mesmas e haverá o tempo todo a mediação a partir da contadora. No entanto, compreendemos que essa escolha implica em uma perda no potencial do aplicativo como um todo. Descreveremos e analisaremos um dos dez clipes disponíveis no aplicativo, denominado “Bernardo”, personagem importante na obra de Barros, pois, para ele, Bernardo representava tudo aquilo que o poeta queria ser e não podia. Segundo Márcio de Camillo (2019), ele buscava personagens nas poesias de Manoel de Barros, depois de perceber que a obra do poeta sugeria isso. Sendo assim, nada mais justo que analisar o clipe que retrata a canção feita a partir do poema “Bernardo”:

Bernardo já estava uma árvore quando
eu o conheci.
Passarinhos já construíam casas na palha
do seu chapéu.
Brisas carregavam borboletas para o seu
paletó.
E os cachorros usavam fazer de poste as suas
pernas.
Quando estávamos todos acostumados com aquele
bernardo-árvore
Ele bateu asas e avoou.
Virou passarinho.
Foi para o meio do cerrado ser um arãquã.
Sempre ele dizia que o seu maior sonho era
ser um arãquã para compor o amanhecer.
(BARROS, 2013, p. 460).

O poema fala sobre um personagem chamado Bernardo, não havendo referência explícita de que é uma pessoa, mas, pelo contexto, subentende-se que pode ser. A poesia traz uma metáfora para falar sobre o envelhecimento e depois a morte, “Bernardo já estava uma árvore quando eu o conheci”, ou seja, não era mais alguém jovem, ele já tinha envelhecido, não era mais “semente”. Não era somente uma “árvore”, mas uma “árvore madura”, pois “passarinhos *já construíam casas* na palha do seu chapéu” (BARROS, 2013, p. 460, grifo nosso). O advérbio “já” dá a entender que o tempo passou e “até mesmo” passarinhos moravam em sua cabeça.

Também notamos uma antropomorfização entre esse personagem e a natureza, como é possível enxergar nos próximos versos com “as brisas” levando borboletas até ele e os cachorros o fazem de poste para urinar. Ainda é possível perceber esse fenômeno no neologismo “bernardo-árvore”, sendo assim, ele não é apenas uma pessoa, mas um elemento da natureza. Os últimos versos são sobre a morte de Bernardo, sua partida: “Ele bateu asas e avoou”. Para o eu-lírico do poema, ao invés de morrer de maneira tradicional, Bernardo virou passarinho, mais especificamente, um arãquã, e ganhou liberdade. Com o final, percebemos que Bernardo realizou o seu maior sonho, aquilo que ele buscava: “*Sempre* ele dizia que o seu maior sonho era ser um arãquã para compor o amanhecer.” (BARROS, 2013, p. 460, grifo nosso). Nesses últimos versos, percebemos também que a antropomorfização foi completada, Bernardo se torna totalmente parte da natureza.

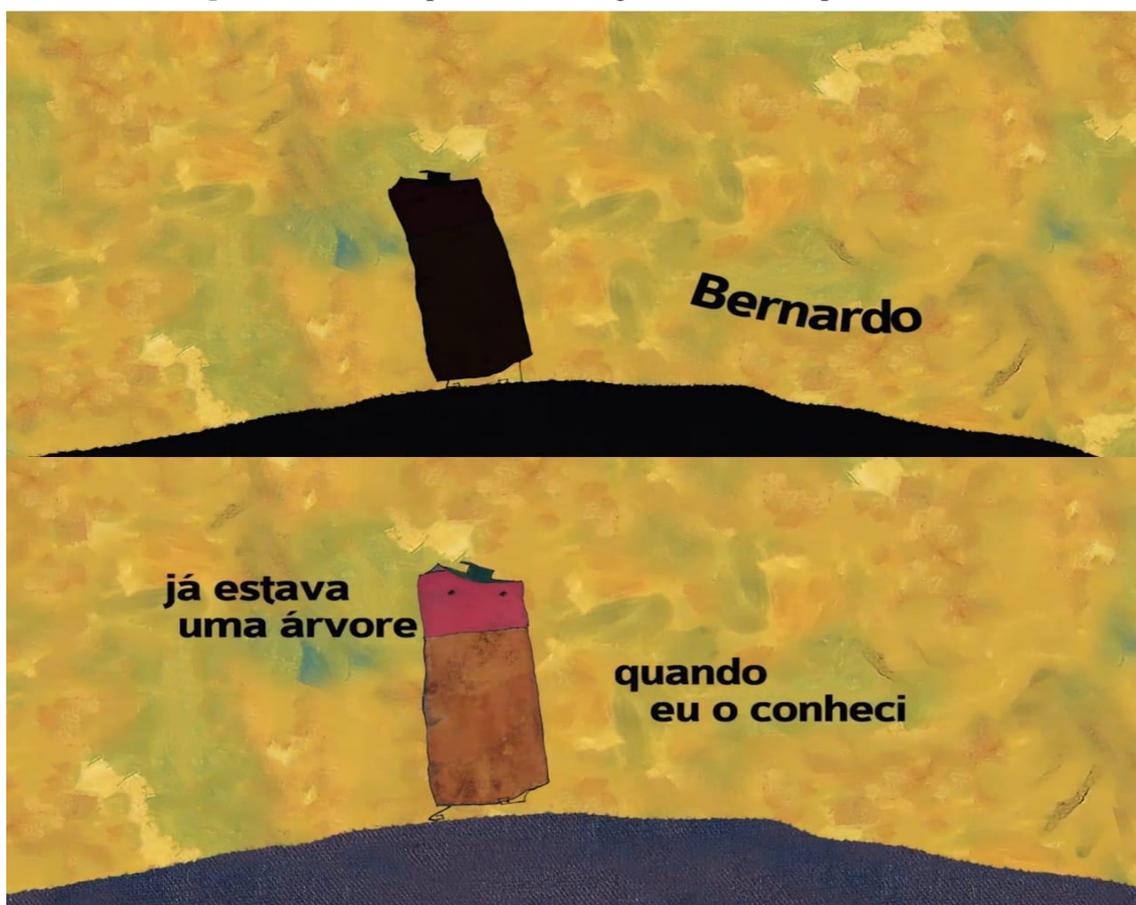
Ressaltamos que Bernardo é um personagem recorrente na poesia de Manoel de Barros, ele é andarilho, um ser livre e que possui uma plena conexão com a natureza como um todo. Segundo Cunha:

O sujeito poético ainda alerta que Bernardo nunca fez outra coisa, “Que ouvir as vozes do chão/Que ouvir o perfume das cores/Que ver o silêncio das formas/ E o formato dos cantos”, e por isso pensava que a personagem tinha “cacoete para poeta” (BARROS, p. 411). Aos verbos ouvir e ver são acrescidas outras funções, em um processo sinestésico inusitado, que possibilita a humanização dos elementos da natureza, aspecto recorrente na produção de Manoel de Barros (CUNHA, 2016, p. 104)

Bernardo de fato existiu na vida de Manoel de Barros, foi um homem que morou na fazenda. “Poeta e personagem se conhecem desde a juventude e têm a mesma idade. Aos 18 anos, Bernardo apareceu pedindo emprego na casa da família Barros, em Cuiabá” (MOURA, 1998 apud UZÊDA, 2017, p. 37). No documentário *Só dez por cento é mentira* (2009), é dito algo que é confirmado pela crítica: “Bernardo é o alterego do poeta. Bernardo é o que Manoel diz que gostaria de ser” (CEZAR, 2009, *online*). Palmiro, um senhor que trabalhou na fazenda de Barros por 28 anos, fala sobre Bernardo: “Passarinho sentava nele, no ombro, no braço, na mão” (CEZAR, 2009, *online*), confirmando aquilo que é dito no poema, mostrando que há também uma conexão entre a vida e a poesia de Manoel de Barros.

Nesse contexto, Bernardo é ícone do aplicativo *Crianças*, seu corpo parece um tronco de árvore, suas pernas fininhas, a cabeça rosa, apenas dois pontinhos pretos representando seus olhos e um chapéu verde. O clipe se inicia com o personagem na “sombra” (Figura 5), e a primeira palavra, título do poema, sendo cantada e tocada por Márcio de Camillo em seguida, quando o verso é completado, “já estava uma árvore quando eu o conheci”. Assim, o personagem é revelado (Figura 05), mostrando que seu corpo lembra mesmo uma árvore.

Figura 5 - *Prints* da primeira e da segunda cena do clipe “Bernardo”



Fonte: *Webcore Games. Crianças. (2016)*

Os próximos versos são “Passarinhos já construíam casas na palha do seu chapéu” e um passarinho vem pousar no chapéu do personagem, em seguida vai embora com a chegada da palavra “brisas” que vem, em uma metalinguagem, rodopiando como o vento junto de borboletas roxas, e os próximos versos passam pelo personagem – “carregavam borboletas para o seu paletó” – enquanto Bernardo começa a mexer de um lado para o outro, como se tivesse dançando com o quadril. As borboletas vão embora enquanto um cachorrinho vem subindo o morro e Bernardo vai “se afastado de fininho” para tentar fugir do cachorro. No verso “e os cachorros usam fazer de poste as suas pernas”, o cachorrinho faz xixi no personagem e corre indo embora.

Os próximos versos, “quando estávamos todos acostumados / com aquele bernardo-árvore”, surgem na parte de baixo da tela enquanto saem “asas-braços” (Figura 6) do personagem e ele continua com a dança mexendo o “quadril” enquanto “bate” cada uma das asas, como que para testá-las antes de alçar voo, o que acontece no próximo verso: “ele bateu asas e avoou”. Nesse momento, Bernardo bate suas asas e voa, então a tela é preenchida com o personagem subindo voando (Figura 6), primeiro sua cabeça, em seguida seu corpo e suas

pernas, enquanto o coral da música começa – Camillo e as crianças – cantando os versos “virou passarinho / foi para o meio do cerrado”.

Figura 6 - Prints da cena das asas e do voo de Bernardo



Fonte: Webcore Games. *Crianças*. (2016)

A tela volta a ficar mais distante e Bernardo aparece no canto esquerdo voando por toda a tela, e o verso “ser um arãquã” é cantado, mostrando o passarinho que ele se tornou. O verso seguinte, “pra compor o amanhecer”, tem como fundo o sol surgindo imponente, quase em toda a tela, enquanto aparecem novamente apenas a sombra de Bernardo no céu, da montanha, e algo que está mais no canto da tela que se parece com plantas. Depois disso, a cena fica azul escuro, como se tivesse anoitecido e o sol se tornasse a lua.

A música recomeça a partir do verso “brisas carregavam borboletas para o seu paletó” com as borboletas voando ao redor de Bernardo enquanto ele dança mexendo o “quadril” de um lado para o outro, tudo permanece nas sombras, Bernardo, as borboletas, o cachorrinho que também está na tela e as plantas mais ao canto esquerdo, apenas a lua enorme brilha atrás de personagem no céu azul. No próximo verso, “e os cachorros usavam fazer de poste”, há um zoom na cena para se aproximar de Bernardo e do cachorrinho para que, no verso “as suas pernas”, mostre o cachorrinho fazendo xixi nas pernas do personagem.

Novamente o clipe foca em Bernardo dançando enquanto “tira” as asas das costas nos versos “quando estávamos todos acostumados com aquele “bernardo-árvore” e, no próximo verso, “ele bateu asas e avoou”, a cena acontece como dito nos versos: Bernardo bate as asas e sobe voando ao céu noturno, mas, no momento do “virou passarinho”, a cena volta a ser como quando foi cantada inicialmente, pois Bernardo passa voando pela tela com as borboletas voando ao redor dele enquanto o verso “foi para o meio do cerrado ser um araquã” é cantado. A seguir, todos os elementos da cena escurecem novamente enquanto o céu aparece grandioso atrás de Bernardo.

O clipe termina desta forma: o céu dominando toda a tela, o monte e Bernardo pretos, em um jogo de luz e sombra por causa do sol; o personagem segue voando pela tela lentamente, do lado esquerdo para o direito, enquanto a voz de Márcio de Camillo recita os dois últimos versos do poema: “sempre ele dizia que o seu maior sonho / era ser um araquã para compor o amanhecer.”.

Sendo a parte gráfica feita por Martha Barros, Bernardo e os outros clipes do aplicativo exploram a delicadeza das poesias de Manoel de Barros. Segundo Camillo (2019), a artista plástica batizou com imagens os versos criados pelo pai. Os clipes possuem poucos elementos sem movimentos exagerados, apenas representando sutilmente os versos que estão sendo cantados por Camillo e pelas crianças nas canções. Portanto, o foco não são os desenhos, mas a emoção causada pelos versos de Manoel de Barros.

Após essa descrição de um dos clipes que compõem o aplicativo, é possível partir para a análise a partir das considerações de Correro e Real (2018). O primeiro parâmetro a ser observado é o da disponibilidade da obra que diz respeito à acessibilidade e à operatividade do aplicativo. Podemos considerar o *Crianceiras* um aplicativo acessível, visto que está disponível para *download* de maneira gratuita tanto na *Play Store* quanto na *Apple Store*, ou seja, para dispositivos que usam sistema Android ou IOS, o que permite o acesso da obra por um grande número de pessoas.

O aplicativo foi lançado em 2016 e até o presente momento não teve nenhuma atualização. Sobre o parâmetro *segurança*, não há nenhuma indicação de controle parental em relação ao uso do aplicativo como um todo nem com relação à câmera na função “Foto”. Entretanto, como o aplicativo já é disponível na íntegra de maneira gratuita, não há nenhuma opção de compra dentro do aplicativo, o que possivelmente justifica a não necessidade de se ter algum tipo de controle parental no aplicativo. No que diz respeito aos *elementos paratextuais*, o aplicativo permite um fácil acesso a cada uma das funções disponibilizadas de maneira clara e intuitiva, como indicam Correro e Real (2018).

Na dimensão *conteúdo*, o subtópico *Produto editorial* irá discorrer sobre os agentes envolvidos para a realização do aplicativo e da importância de eles serem profissionais qualificados em suas áreas. No aplicativo *Crianceiras*, na opção de visualizar os créditos, o leitor pode observar a gama de profissionais envolvidos para que o aplicativo pudesse se tornar real. O aplicativo não disponibiliza opções de personalização. A *multimodalidade* é um elemento bastante cultivado em todo o aplicativo, já que, unindo as quatro funções, o *Crianceiras* utiliza imagens, sons, músicas, animações, desenhos, textos verbais de maneira equilibrada, ou seja, sem exagero e permitindo com que o principal permaneça sendo a poesia.

Esse é um dos pontos mais importantes para podermos considerar um aplicativo não como um jogo, mas como literatura. No caso do *Crianceiras*, o foco deve ser sempre a ampliação da experiência estética das crianças com a literatura e é possível notar que essa foi a intenção de Márcio de Camillo e das outras pessoas que participaram da construção do aplicativo, porque as animações são simples, mas estão sempre em busca de aguçar o olhar poético do leitor através de animações que não “entregam” diretamente aquilo que são, como no caso de Bernardo. Seria ele uma árvore, uma pessoa, um pássaro? Esse questionamento a respeito da própria animação mostra que tudo comunga para que a imaginação, as construções poéticas sejam valorizadas. Em um momento em que cada vez mais surgem novas formas de se fazer literatura, é importante estar atento especialmente a este ponto: essa obra é capaz de proporcionar uma experiência estética efetiva?

Em relação ao parâmetro da *participação*, pode-se considerar o aplicativo *Crianceiras* com um baixo grau de participação, o que vale frisar que, segundo Corroero e Real (2018), não é um indicativo de boa ou má qualidade do app. Na função “Clipes”, tudo o que o leitor precisa fazer é clicar no clipe que deseja assistir, exigindo sua *participação mecânica*, assim como na função “Poesias” em que, após o leitor escolher uma das quatro disponíveis, ele pode clicar nas palavras rosas ao longo do poema para que delas surjam animações e/ou sons ou a leitura em voz alta do significado dessa palavra. As funções “Desenhar” e “Foto” permitem uma *participação lúdica* do leitor, posto que permite com que ele crie desenhos ou decore fotos a partir de um repertório de cores e elementos disponíveis nas laterais da tela nessas funções, sendo assim, há uma baixa *complexidade interpretativa* no aplicativo em análise.

Por último, na dimensão de *adequação ao leitor*, a classificação do aplicativo é livre, mas há a indicação de que o destinatário potencial da obra é um leitor de até 8 anos de idade, ou seja, crianças que já possuem familiarização com a tecnologia. Para a função dos clipes, não é necessário um grau elevado de conhecimento digital, já que o “objetivo” dessa função é assistir. A função das poesias talvez seja a mais voltada para um público de crianças um

pouco maiores, porque é necessário que elas já saibam ler. Já nas funções de desenhar e fotografar, as telas permitem que intuitivamente as crianças entendam o que é permitido fazer.

3. O APLICATIVO *CRIANCEIRAS* E A INTERAÇÃO COM LEITORES REAIS: UMA PROPOSTA PRÁTICA

Até o momento, ao longo desta pesquisa, refletimos sobre a temática infantil na obra de Manoel de Barros durante o primeiro capítulo, assim como apresentamos a trajetória de Márcio de Camillo desde a criação do CD *Crianceiras* até o aplicativo passar a existir. No segundo capítulo, buscamos apresentar uma trajetória da literatura infantil digital e apresentar alguns dos autores que já fazem estudos sobre esse *corpus*, assim como também realizamos uma análise de um dos clipes do aplicativo baseado nas categorias elencadas por Corroero e Real (2018).

Logo, é possível perceber que metodologicamente essa pesquisa se caracteriza como bibliográfica e documental. No entanto, neste terceiro capítulo, apresentaremos uma oficina realizada com crianças em sala de aula utilizando o aplicativo *Crianceiras* para que possamos refletir se o recurso digital cumpre aquilo que seu idealizador, Márcio de Camillo, pôs como objetivo maior: aproximar as crianças da poesia de Manoel de Barros. Então, no presente capítulo, a metodologia da pesquisa, além das outras citadas, abarcará um estudo de caso. Nossa abordagem também é de caráter qualitativo, na medida em que não utiliza análise de números como base para a pesquisa e sim, “[...] aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (FONSECA, 2002 apud SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32).

Para isso, aplicamos uma oficina literária em uma escola da rede pública municipal de ensino de João Pessoa, PB. Buscamos essa escola por já a conhecermos anteriormente, através de um projeto de extensão de que participamos, ao longo dos anos 2017 e 2018, contando histórias para as crianças de todas as turmas. A escola é de Educação Infantil e Ensino Fundamental (Anos Iniciais), tendo alunos matriculados da pré-escola até o 3º ano do Ensino Fundamental. Por conhecermos a escola e sabermos que há um trabalho sendo feito com a literatura, em que há uma preocupação com a experiência estética das crianças, além dos pequenos terem a idade que mais se aproxima da proposta do aplicativo e da oficina criada, especialmente as turmas de 1º e 3º ano, a instituição foi escolhida.

Apesar de o aplicativo não ter indicação específica de uma idade adequada, sendo de classificação livre, acreditamos que ele pode ser mais explorado com crianças que estão iniciando o desenvolvimento da leitura e que costumam se identificar com histórias com sons e cores, como os alunos do 1º ano, e os que estão não somente decodificando palavras, mas começando a entender seu sentido completo, como os alunos do 3º ano. Decidimos aplicar

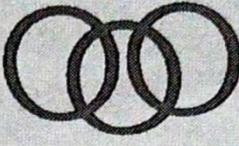
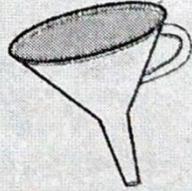
com duas turmas de anos diferentes para analisarmos se o aplicativo é mais bem recebido e mais explorado em alguma das faixas etárias e percebermos as razões para que isso aconteça, ou seja, verificando o repertório de leitura de cada uma idades, a partir do conhecimento que as crianças têm ou não do gênero poema, analisando os conhecimentos prévios de cada uma das turmas, como a familiaridade que os pequenos têm com aplicativos, músicas, desenhos, histórias.

A oficina está baseada nas estratégias de leitura discutidas por Girotto e Souza (2010) que acontecem em três momentos: antes, durante e depois da leitura. As estratégias de leitura são as construções que fazemos de uma obra, a partir de nossos conhecimentos prévios, inferências e conexões com a vida, com outros textos e com vivências pessoais, com aquilo que vemos, ouvimos, lembramos, são as nossas ligações com personagens, com os acontecimentos do mundo, enfim, o que envolve a busca de compreendermos melhor o que lemos e ampliarmos aquilo que está sendo lido. É a maneira como não somente decodificamos um texto, mas entendemos de maneira mais completa o que ele diz. Para Solé (1998):

No estado estratégico somos plenamente conscientes daquilo que perseguimos – por exemplo, ter certeza de que apreendemos o conteúdo do texto, ou esclarecer um problema de compreensão – e colocamos em funcionamento algumas ações que podem contribuir para a consecução do propósito. Simultaneamente, permanecemos alertas avaliando se conseguimos nosso objetivo e podemos variar nossa atuação quando isso nos parece necessário (SOLE, 1998, p. 72).

As estratégias de leitura são: conexões, síntese, sumarização, inferência, questionamento e visualização, tendo por ponto de partida e chegada os conhecimentos prévios, ativados em todas as estratégias. Segue um quadro criado por Santos e Souza (2011) que resume didaticamente cada uma delas:

Quadro 2 - Estratégias de leitura

Conexão	Conectando o conhecimento que já tenho com novas informações	
Visualização	Criando imagens mentais do texto	
Questionar	Fazendo perguntas ao texto	
Inferência	Combinando o conhecimento prévio com as dicas do texto para encontrar informações e tirar conclusões	
Sumarizar	Determinando as informações importantes	
Sintetizar	Novos insights e ideias	

Fonte: Santos e Souza (2011).

Falaremos a seguir sobre os três momentos que ocorrem na leitura. O momento da pré-leitura (antes) acontece quando o leitor entra em contato com a história, não necessariamente com o texto em si, mas com a capa, o título, por exemplo, ou algo que remeta à história como uma música, uma dança, uma imagem etc. É a preparação que ocorre para ativar a curiosidade, a imaginação, a expectativa para a recepção da leitura e os conhecimentos prévios do leitor antes do momento em que de fato a leitura ocorre. São as perguntas que o leitor faz ao texto antes de conhecer a história que serão ou não respondidas durante a leitura.

O durante a leitura é tudo aquilo que, como o próprio nome já diz, acontece no momento em que a leitura ocorre. Ou seja, são as inferências que são feitas para a compreensão leitora, as perguntas que o leitor faz como “o que acontece a seguir?”, as percepções que o leitor cria da história que está sendo lida, aquilo que mais chama sua atenção, os pontos “fortes” do texto, os intertextos, a sumarização que vai acontecendo a cada episódio, entre outras relações e interações que são realizadas cognitivamente no ato da leitura. É o que acontece quando a história está sendo apreendida pelo leitor. Segundo Girotto e Souza (2010, p. 51):

Um leitor capaz de compreender os significados do texto realiza um complexo exercício cognitivo quando lê. Sua compreensão advém das paráfrases que realiza, motivadas pela projeção de imagens mentais conforme lê. Algumas vezes, as deduções são evolutivas, ou seja, o leitor as constrói gradativamente, enquanto aprofunda a leitura. Esse movimento do leitor é ativo, relaciona ideias do texto com seu conhecimento prévio, constrói imagens, provoca sumarizações, mobilizando várias estratégias de leitura.

Como podemos ver, é nesse momento da leitura, obviamente, que o leitor mais apreende os significados do texto, por isso, é necessário que o entendimento das estratégias de leitura e a aplicação delas sejam trabalhados em sala de aula para que as crianças se tornem desde cedo leitores que compreendem tudo aquilo que é ativado dentro deles no momento da leitura. Com isso, leitores autônomos, conscientes e críticos do processo de leitura serão formados.

O último momento, denominado depois da leitura, é quando o leitor irá refletir sobre aquilo que foi lido, muitas vezes avaliando se foi do seu agrado ou não, se aquilo o afetou de alguma forma. É o momento de voltar a alguma parte do texto para compreendê-la melhor, aprofundar a leitura. É quando o leitor sozinho ou o mediador da leitura durante uma oficina literária como a que aplicamos, por exemplo, irá realizar algum tipo de atividade com as crianças para que aconteça a fixação maior daquilo que foi lido, para que ocorra a rememoração da leitura ou algum aspecto da história seja mais discutido, também para as crianças demonstrarem o que acharam do texto, através de um desenho, de uma pintura, de uma dança ou simplesmente de uma explanação livre sobre alguma parte da história ou sobre ela toda.

Diante da proposta apresentada, da utilização dos referenciais teóricos das estratégias de leitura (GIROTTTO; SOUZA, 2010; SANTOS; SOUZA, 2011; SOLÉ, 1998), no próximo

ponto, descrevemos a oficina que foi elaborada para discutir o aplicativo *Crianceiras* a partir dos objetivos expostos nesta pesquisa.

3.1 Oficina literária com o aplicativo *Crianceiras*

O aplicativo *Crianceiras* tem como proposta maior apresentar a poesia de Manoel de Barros para as crianças, unindo música, imagens, cores, sons aos poemas. A poesia de Barros sempre esteve muito próxima do universo infantil, falando sobre brincadeiras no quintal com os bichinhos, com as latas, com os peixes, competições inocentes, a descoberta de como é gostar de alguém, apesar de o poeta nunca ter se autodenominado um criador de poesia infantil. Através de seus poemas, o referido autor fala de sensações, de “achadouros” da infância, de aprendizados que só podemos ter utilizando nosso olhar infantil, e é isso que o aplicativo tenta traduzir por meio, especialmente, dos videoclipes criados a partir de dez poemas de Manoel de Barros. Assim, em conformidade com os anseios do escritor e do idealizador do aplicativo e em acordo com os objetivos desta pesquisa, elaboramos a oficina que apresentamos a seguir:

Objetivos:

- Conhecer o aplicativo *Crianceiras*;
- Interagir com a tecnologia digital;
- Cantar e dançar poemas musicados;
- Ouvir poemas recitados;
- Aprender as diferenças entre aplicativos e livros;
- Ter uma experiência estética com o aplicativo;
- Ter uma experiência de leitura literária a partir dos poemas lidos, ouvidos e cantados;
- Criar o seu próprio “Bernardo” a partir de pinturas, colagens.

Duração da oficina: Aplicá-la em duas tardes, na primeira com o 1º ano, na segunda, com o 3º. Cerca de 2h para cada turma.

Materiais e recursos necessários:

- Aplicativo *Crianceiras* idealizado por Márcio de Camill;
- Site *Crianceiras* – Manoel de Barros;
- Livro *Poesia completa* (2013), de Manoel de Barros;

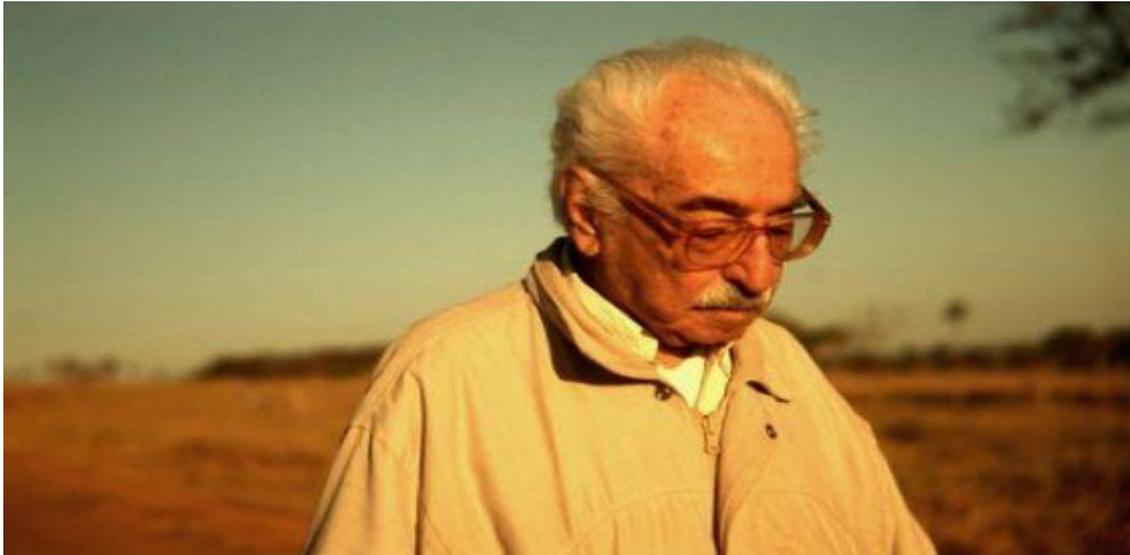
- Projetor para exibir o aplicativo de modo que todas as crianças vejam;
- Imagem do aplicativo *Crianceiras* na *Playstore*;
- Violão;
- Poemas impressos de Manoel de Barros e pinturas de Martha Barros;
- Caixa de som;
- Desenhos impressos de Bernardo;
- Tinta;
- Lápis de pintar;
- Giz de cera;
- Cola;
- Retalhos.

Desenvolvimento da atividade:

Antes da leitura:

Para preparar as crianças para o momento da leitura, o mediador sentar-se-á em roda com a turma para fazer algumas perguntas aos alunos na busca de ativar seu conhecimento prévio do que seria poesia. Questionar se eles sabem o que significa “poema”, se eles já ouviram falar, viram ou leram algum; se sim, quem já recitou poemas para eles, se querem compartilhar algum poema com seus colegas. Em seguida, contar para eles que a oficina da qual participarão gira em torno da poesia, especificamente a de Manoel de Barros. Mostrar fotos do poeta (Figuras 7 e 8) e explicar que os poemas de Barros falam muito sobre brincadeiras, bichos, plantas.

Figura 7 – Fotografia do poeta Manoel de Barros



Fonte: *El País* (2014) Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/13/cultura/1415902924_161068.html>

Figura 8 – Fotografia do poeta Manoel de Barros



Fonte: Serrapilheira (2019). Disponível em: <<https://serrapilheira.org/a-ciencia-sob-a-otica-da-poesia/>>

Em seguida, ler em voz alta os poemas “Um bem-te-vi” e “Bernardo” (na íntegra, p. 39) para as crianças, enquanto o professor de artes dedilha a melodia da música “Um bem-te-vi” ao fundo para ajudar as crianças a se concentrarem e visualizarem os poemas. Orientar para que quem preferir fechar os olhos para se concentrar, pode fazê-lo. Segue o poema “Um bem-te-vi” com uma breve análise logo depois:

O leve e macio
raio de sol

se põe no rio.
Faz arrebol...

Da árvore evola
amarelo, do alto
bem-te-vi-cartola
e, de um salto

pousa envergado
no bebedouro
a banhar seu louro

pelo enramado...
De arrepio, na cerca
já se abriu, e seca.
(BARROS, 2013, p. 100)

O poema traz um olhar acerca do pássaro. O eu-lírico desta composição parece estar observando as ações do referido animal. Inicialmente, há um recorte de um momento do dia: o pôr-do-sol, o crepúsculo, o “arrebol”, é como se ele estivesse apresentando o cenário em que o poema irá se passar. Na segunda estrofe, surge o “personagem” do poema, o objeto de análise do eu-lírico: o bem-te-vi. Ele está vindo em direção ao bebedouro se banhar, o que acontece na terceira estrofe. Por último, apresentam-se os versos “De arrepio, na cerca / já se abriu, e seca” que tentam exprimir o rápido movimento que, geralmente, os pássaros fazem para se secarem depois de um banho.

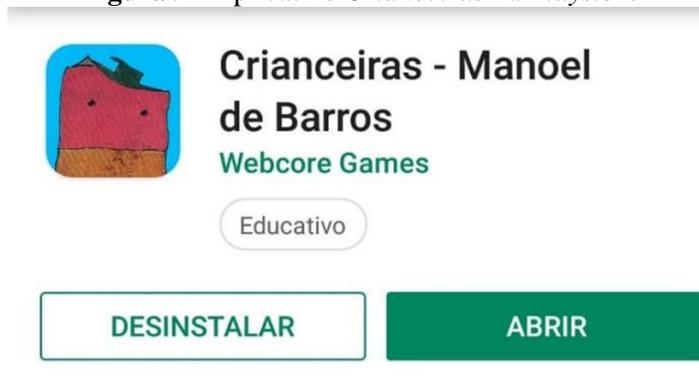
Esse poema retrata, como muitos outros, o interesse de Manoel de Barros em falar da natureza e, ainda mais, lançando um olhar sobre aquilo que normalmente não é observado pela maioria das pessoas. Além disso, é uma poesia bastante imagética: a leitura do poema nos faz, imediatamente, visualizar a cena que é descrita. Por isso, ele foi um dos escolhidos para ser lido para as crianças.

Voltando à descrição da oficina, finalizada a leitura, pedir que eles falem o que gostaram nos poemas, se conseguiram imaginar (visualizar) algo desses “personagens”, de forma que é preciso incentivar que os alunos façam conexões.

Ao final desta etapa, exibir o vídeo da atividade de dança, disponibilizado no site *Crianceiras* com o poema musicado “Um bem-te-vi”, e realizá-la com as crianças. Depois que a atividade for concluída, fazer a roda de novo com as crianças e pedir que o professor novamente dedilhe a música para as crianças irem se acalmando. Falar para eles que nesse momento partiremos para outra parte da oficina, aquela que eles irão conhecer o aplicativo *Crianceiras*. Apresentar no projetor o o *print* (Figura 9) do aplicativo na *Playstore* e pedir que

as crianças falem sobre o que acham que o aplicativo é, apenas baseados no ícone do aplicativo, fazendo conexões, inferências.

Figura 9 - Aplicativo *Crianceiras* na *Playstore*



Fonte: Playstore.

Durante a leitura:

Abrir o aplicativo no data show para as crianças o visualizarem, explorar rapidamente cada uma das funções com os alunos, permitindo que indiquem o que querem ver primeiro. Após mostrar para os pequenos cada uma das funções do aplicativo, exibindo um pouco do que acontece em cada uma delas, falar para as crianças que agora seguiremos explorando um pouco mais os videoclipes, mais especificamente dois deles: “Um bem-te-vi” e “Bernardo”. Exibir primeiro o clipe “Um bem-te-vi” e, em seguida, “Bernardo”. Permitir que as crianças dançam, cantem, falem o que estão achando dos clipes, mas também prestem atenção aos desenhos, às cores, aos sons.

Depois da leitura:

Esse é o momento em que as crianças devem compartilhar aquilo que sentiram ao ouvir os poemas musicados. Caso a roda tenha se desfeito, refazê-la para que todos possam se ver e se ouvir enquanto dizem suas impressões sobre os clipes. A respeito de “Um bem-te-vi”, perguntar se eles imaginaram o bem-te-vi desse jeito quando ouviram e dançaram o poema. Criar um espaço confortável para que eles possam falar se gostaram, se houve algo que eles não entenderam no poema. Fazer o mesmo sobre o clipe “Bernardo”, perguntar se eles reconheceram o Bernardo como o ícone do aplicativo exibido anteriormente.

Após esse momento de compartilhamento, pedir que agora as crianças tentem cantar a música de “Um bem-te-vi” revendo o clipe com elas. Então, explicar que será feita uma

atividade diferente com Bernardo. Pedir que cada uma das crianças se sente do jeito que se sentir confortável e entregar a folha com o desenho impresso de Bernardo. Explicar que eles devem criar seu próprio Bernardo, usando as tintas, retalhos, lápis disponíveis para que, depois, possam pendurar as artes feitas por eles em suas salas de aula, num varal de leitura.

3.1.1 Aplicação e análise da oficina

Como a escola tem turmas do D ao F no 1º ano e no 3º ano no período da tarde, deixamos a escolha específica da turma para ser feita pela coordenadora pedagógica da escola, pois ela nos falou que seria interessante proporcionar a oficina para crianças que não estavam com nenhum projeto sendo realizado por sua professora. Assim, as turmas escolhidas foram o 1º F e o 3º C.

Para não se tornar repetitivo, contaremos a seguir como foi, detalhadamente, a oficina com a turma do 1º F e, ao descrevermos como ocorreu com a turma do 3º C, falaremos o que aconteceu de diferente no momento da contação com eles.

No primeiro dia, com a turma do 1º F, contava cerca de 20 crianças; quando os alunos chegaram ao auditório, pedimos que se sentassem em círculo para que a oficina começasse. O data show estava desligado, logo, eles tinham pouco conhecimento do que aconteceria. Quando perguntamos se eles sabiam o que tinham vindo fazer ali, alguns arriscaram: “leitura”, “escrever”, “aprender a ler”, “assistir”. Aproveitamos para falar que eles tinham vindo fazer um pouquinho de tudo isso, mas o que na verdade aconteceria era uma contação de histórias³. As crianças ficaram muito empolgadas e então avisamos que essa seria um pouco diferente: “A história de hoje vai ser contada através de poemas”.

Muitos ficaram com uma expressão de interrogação, tentando entender como seria. Perguntamos se eles sabiam o que era “poema”, se já tinham ouvido falar nessas palavras “poema” ou “poesia”, e a maioria disse que não sabia o que era. Uma menina arriscou falando que era “uma coisa que você pode inventar sobre várias coisas: sobre amor, de carinho”. Depois de ouvir o que cada um falou, concluimos juntos: poema pode falar de tudo, então. Assim, falamos para as crianças que naquela oficina seriam lidos para eles os poemas de Manoel de Barros e mostramos as fotos do poeta para eles. “Ele é um idoso”, foi a primeira reação deles. Então falamos um pouco sobre as temáticas que envolvem os poemas de Manoel: “Ele fala muito sobre as plantas, o pôr do sol, flores, crianças...” e explicamos

³ Falamos “contação de histórias” para os alunos por ser o termo mais próximo deles, entretanto, sabemos que como houve a leitura dos poemas, o termo mais correto seria “oralização de histórias”.

também que leríamos dois de todos aqueles poemas que estavam ali no livro *Poesia completa* (2013) que tínhamos nas mãos.

O primeiro poema lido foi “Um bem-te-vi”. Entretanto, antes perguntamos às crianças se eles sabiam o que era um bem-te-vi; depois de um momento de silêncio, uma menina falou: “É um pássaro?!”; confirmamos que sim, e eles ficaram tentando arriscar qual seria a cor dele. Ao iniciar a leitura, o professor que estava com o violão dedilhou uma melodia suave para ajudar as crianças a se concentrarem. Lemos o poema e, em seguida, anunciamos que “Bernardo” seria lido. Perguntamos se eles conheciam alguém com esse nome, e uma das crianças falou que já assistiu a um desenho com um menino chamado Bernardo.

O poema foi lido e, quando finalizamos, perguntamos sobre o que eles achavam que os dois poemas falavam; primeiro eles responderam que “Bernardo” falava sobre “árvores, passarinhos, natureza”, já quando perguntamos quem era Bernardo, houve um misto de respostas: “Bernardo é árvore”, “é um passarinho colorido”, “Bernardo gosta da natureza”. Sobre “Um bem-te-vi”, eles disseram que o poema falava sobre passarinho também, sobre natureza. Então, lemos novamente para eles conseguirem lembrar o poema, depois, perguntamos se agora eles conseguiam perceber do que o poema falava, ao que alguns disseram que não, mas uma menina disse que o poema falava que “o passarinho tava tomando banho de rio” e também de “Bernardo”. Percebemos, portanto, que eles fizeram uma conexão entre os dois poemas, como se eles se complementassem.

Após essa discussão sobre os poemas, falamos para eles que agora faríamos uma outra atividade, enquanto o professor ficou conversando com as crianças para elas não se distraírem tanto. Organizamos o próximo passo que seria a atividade de dança oferecida no site *Crianceiras*. Pedimos que as crianças se levantassem e dessem as mãos para organizarmos novamente o círculo e questionamos se eles sabiam o que faríamos agora. Uma menina falou: “Dançar!”. Houve uma comemoração da maior parte deles quando confirmamos que sim.

Assim que iniciamos o vídeo da atividade com a música “Um bem-te-vi”, quase todas as crianças começaram a dançar, porém, tivemos um problema nesse momento porque a internet não estava carregando o vídeo todo e não tínhamos levado o vídeo baixado, porque queríamos testar seu uso da forma como ele estava disponível no suporte site, entretanto, foi apenas na terceira tentativa, quando as crianças já diziam “de novo isso aconteceu, tia?”, que conseguimos fazer o vídeo carregar até o final. Apesar da distração que isso causou nas crianças, quando o vídeo funcionou até o final, elas dançaram a música inteira, e muitas, ao terminarem, já tinham aprendido a canção e estavam cantando também.

Depois dessa atividade, pedimos que, novamente, eles se sentassem no chão, pois partiríamos para o terceiro momento de contação: a hora de conhecer o aplicativo. Perguntamos primeiro se eles sabiam o que era um aplicativo, e muitos disseram “é um jogo”, “é um negócio que a gente baixa no celular”, “é divertido”. Assim, anunciamos que esse aplicativo era de poesia, que ele tem os poemas que lemos e dançamos em outro formato. Antes de exibir o aplicativo, mostramos o *print* dele na *Play Store* e pedimos para as crianças tentarem adivinhar o que era aquele ícone e como ele se relacionava com o aplicativo. Muitos disseram que era uma casa, um menino disse que era um galão de gasolina. Quando perguntamos o que seriam aqueles pontinhos pretos no desenho (os olhos de Bernardo), eles falaram que eram os olhos da casa. Nenhum deles conseguiu perceber que se tratava dos olhos de uma pessoa.

O momento de abrir o aplicativo, também pela demora da conexão da internet para que fosse possível transmitir do celular para o projetor, foi de bastante distração por parte das crianças, muitas delas não prestaram atenção na hora da apresentação mais geral do *Crianceiras*, como das quatro funções e para o que cada uma delas servia. Anunciamos, em seguida, que iríamos ver dois clipes e perguntamos se eles conseguiam adivinhar quais seriam, porém nenhum deles conseguiu inferir que seriam os clipes dos poemas que lemos anteriormente.

Então, colocamos o videoclipe “Bernardo”. A primeira reação de algumas crianças foi a de se admirar de que, na verdade, ele não era uma casa, mas sim um ser humano. Algumas crianças disseram que ele era “muito feio”. A maior parte se deitou para ver o videoclipe, prestou atenção, algumas dançaram também imitando o Bernardo. Assim que o primeiro clipe terminou, colocamos o de “Um bem-te-vi” para eles também assistirem. Durante esse clipe, eles prestaram ainda mais atenção, algumas meninas rapidamente se lembraram de que era a mesma música que tínhamos dançado e, mesmo sentadas, ficaram fazendo a coreografia. Especialmente nos versos “O leve e macio raio de sol / se põe no rio / faz arrebol...”, o que mais se repete na canção, as crianças cantaram juntas em todas as vezes que ele foi cantado.

Quando terminamos de exibir o clipe, sentamo-nos novamente com as crianças para saber o que tinham achado dos que assistiram, para que falassem da experiência que tiveram. Tentamos falar mais minuciosamente sobre cada um dos vídeos, contudo, mesmo perguntando sobre versos de cada um deles, as crianças responderam de maneira mais geral: “achamos legais”, “achei Bernardo e o passarinho fofinhos”, “gostei de todas as histórias”, “muito lindo”, “achei linda a música do bem-te-vi” e não conseguiram se concentrar nessa parte da atividade.

Assim, nesses últimos momentos da oficina, perguntamos quem tinha conseguido aprender a música de “Um bem-te-vi”, por ser a que já tínhamos lido/ouvido/visto três vezes, e boa parte das crianças levantou a mão. Na sequência, convidamos as crianças para cantarmos juntos a música – embora no momento tenhamos esquecido de colocar novamente o clipe para elas cantarem acompanhando –, e algumas meninas conseguiram lembrar de alguns trechinhos do poema, especialmente dos versos já citados: “O leve e macio raio de sol / se põe no rio / faz arrebol...”.

Por fim, anunciamos que eles realizariam a última parte da atividade: a de pintura. Todos ficaram bastante entusiasmados quando ouviram isso. Falamos para eles que cada um pintaria seu próprio Bernardo, deixando-o do jeito que quisesse, e que depois penduraríamos os desenhos na sala de aula.

No segundo dia, com a turma do 3º F, também contando com 20 crianças, o professor que auxiliou no dia anterior não pôde estar presente, por isso, no momento das leituras dos poemas, não houve a melodia sendo tocada no violão. Entretanto, como as crianças já eram mais velhas e, conseqüentemente, em sua maioria, mais maduras, isso não interferiu na atenção deles durante a leitura.

Voltando um pouco para o momento de introdução da oficina, quando perguntamos se eles sabiam o que tinham vindo fazer hoje, boa parte já respondeu “ouvir história”, porque nos viam sempre na escola para contar histórias. Ao anunciarmos que essa contação seria sobre poesia, perguntamos para as crianças se eles sabiam o que são poemas, uma delas respondeu: “Frases que se juntam...”, outros responderam “e rimam!”, então questionamos se para ser poema precisa rimar, e eles disseram que, na verdade, não. Quando perguntamos se eles sabiam do que poemas costumam falar, eles responderam, inicialmente, que não, e ao perguntarmos se eles conheciam algum poema, um menino respondeu com a quadrinha “Batatinha quando nasce”.

Após a leitura de um “Um bem-te-vi”, perguntamos sobre o que o poema fala, o que mais eles gostaram nele. Alguns responderam, obviamente, que fala de um bem-te-vi e que ele estava tomando banho. Quando perguntamos como eles tinham percebido isso, uma menina respondeu: “por causa do bebedouro”; também confirmaram que a cor dele era amarelo, pois tínhamos perguntado inicialmente se alguém sabia qual era a cor desse pássaro, por causa do “louro pelo”.

Seguindo a oficina, quando perguntamos sobre Bernardo, se alguém conhecia uma pessoa com esse nome, um dos meninos respondeu que sabia de um “que era muito traquino”, então, convidamos eles a ouvirem esse poema para descobrir se o Bernardo de Manoel de

Barros era tão traquino quanto o que o amigo deles conhecia. Depois da leitura, ao perguntar as impressões que tiveram, se eles tinham entendido do que falava, eles disseram: “De uma árvore”, “de natureza”, “de Bernardo”, “de arãquã”. Quando perguntamos se eles sabiam o que seria um arãquã, um menino respondeu “é um pássaro”. Questionamos quem seria Bernardo, e as respostas variaram entre “um pássaro” e “uma árvore”, então, perguntamos o que seria “estava uma árvore”, eles disseram que Bernardo era “uma semente e que queria virar passarinho para poder voar”. Percebemos que com as crianças do 3º ano houve um avanço na compreensão do poema, visto que elas conseguiram dar suas opiniões justificando com versos.

No momento seguinte, o de dançar acompanhando o vídeo da professora de música, a oficina seguiu de maneira mais fluida que no dia anterior, pois tínhamos baixado o vídeo no computador, ou seja, não dependemos de internet e, por isso, não demorou para o clipe funcionar. Algo que percebemos com essa turma é que, por eles serem mais velhos, os meninos já não queriam dançar, boa parte deles ficaram acanhados, com vergonha ou fazendo escondido, como se só as meninas pudessem dançar, enquanto elas se esforçaram para fazer ao máximo igual o que a professora estava fazendo.

Depois disso, quando pedimos para eles sentarem novamente e fomos mostrar o *print* do aplicativo, imediatamente uma aluna reconheceu “é da *Play Store*”. Aproveitamos a resposta para perguntar o que era isso, e eles disseram que era o lugar onde baixamos aplicativos e jogos. Explicamos que iríamos ver esse aplicativo e perguntamos do que eles achavam que ele trata. Lendo o nome *Crianceiras*, eles disseram que “é de coisas de criança” e, então, pedindo para eles observarem o ícone, questionamos o que seria aquilo. Prontamente eles perceberam que era uma pessoa, diferente, mas uma pessoa, que a parte vermelha representava a cabeça, o resto era o corpo e que ele estava usando um chapéu.

Ao abrirmos o aplicativo, as crianças automaticamente leram as funções “Clipes”, “Desenhar”, “Poesias”, “Foto” e eles mesmos foram tentando adivinhar para que cada uma delas servia, fomos apenas confirmando as afirmações deles. Falamos que exploraríamos a função dos “clipes”, dois, para especificarmos, e perguntamos quais eles achavam que seriam. Parando um pouco para pensar, alguns logo disseram as respostas: “O de Bernardo e o do bem-te-vi!”.

Durante a exibição dos videoclipes, as crianças prestaram bastante atenção em ambos e, ao término, quando fomos discutir o que eles acharam de cada um deles, eles foram além do 1º ano, pois algumas crianças falaram das cores, que eles acharam os desenhos bem diferentes – do que eles estão acostumados a ver habitualmente –, mas que eram bonitos

também. Riram muito na parte do “e os cachorros usavam fazer de poste as suas pernas”, pois entenderam que o cachorro estava fazendo xixi em Bernardo. Uma das crianças também falou que “Bernardo voou porque queria ser livre”. Por conseguinte, a maioria concordou que Bernardo era uma pessoa que virou um passarinho.

Com as crianças do 3º ano, esquecemos de pedir para elas cantarem a música “Um bem-te-vi” e pulamos logo para a atividade de pintar o seu próprio Bernardo. Assim como no 1º ano, as crianças se empolgaram bastante nesse momento e quase todos se dedicaram. Algumas das pinturas estarão nos apêndices deste trabalho (Apêndice B).

3.1.2 Resultados e discussões

Algo que pudemos observar com a aplicação desta oficina é que, para que qualquer oficina dê certo, não depende apenas do preparo das contadoras ou das responsáveis por sua organização, diferentemente, com algumas ressalvas, de uma oficina com livros impressos. Sabemos que muitas coisas são necessárias de improvisação em ambos os casos, situações que não temos como prever podem acontecer e acontecem, mas o que queremos dizer é que para além desses fatores, outros são somados em uma oficina com literatura digital. Por exemplo: é necessário um celular com uma rede de internet muito boa, já que, em alguns lugares, como no caso da escola onde foi realizada nossa oficina, não há *wi-fi* disponível; também é preciso um celular bom com um sistema rápido, ou seja, somente celulares mais atualizados vão executar o aplicativo da melhor forma. Assim, temos a consciência de que oficinas como essa se tornarem uma prática ainda faz parte de um universo muito distante no nosso país, já que as escolas públicas, muitas vezes, nem computadores disponíveis têm para os alunos.

Todavia, sabemos também que é importante ter a consciência de que uma oficina assim não pode ser comparada a uma oficina com livros físicos, por isso, é importante, desde o começo, planejar-se de outra forma e pensar, cada vez mais, no que deve ser precavido para que não aconteçam muitos imprevistos. Outro ponto que observamos na nossa experiência é o de que é difícil ter uma continuidade na história, porque é necessário interromper o que está sendo conversado para abrir o aplicativo, trocar o celular pelo computador, conectar e desconectar o som, e isso com certeza faz as crianças perderem o foco. Isso pode ter ocorrido também por ter sido apenas uma contadora e, apesar de as professoras estarem lá e ajudarem a manter as crianças focadas na realização da oficina, sabemos que não é o mesmo de ter outra pessoa ajudando na execução da oficina como um todo.

Achamos importante frisar esses pontos porque essa oficina foi realizada como forma de experiência e descoberta. Com isso, descobrimos também que, salvas as observações que fizemos acima, a oficina funcionou, uma vez que a intenção maior era levar a poesia de Manoel de Barros para a sala de aula e aproximá-la do universo das crianças, através da música, da dança, da arte, como é proposto pelo aplicativo e pelo projeto *Crianceiras* como um todo. Logo, é possível realizar um trabalho com o aplicativo em sala de aula. Foi perceptível a empolgação das crianças com cada uma das atividades propostas, tanto através de suas respostas quanto de suas expressões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, fizemos, no primeiro capítulo, uma breve análise da poesia de Manoel de Barros focando nosso olhar em alguns poemas – de muitos do poeta – que falam sobre a temática infantil. Como é dito pelo poeta no texto “Manoel por Manoel”, encontrado no *Meu quintal é maior que o mundo* (2015, p. 15): “Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas”. Foi essa visão comungante que teve Márcio de Camillo, músico e compositor, ao imaginar que seria possível, então, levar as crianças para perto da poesia de Manoel de Barros através da música, um pouco depois do teatro e, por último, do aplicativo, como observamos ao longo do capítulo inicial. Foi, inclusive, dessas “raízes crianceiras” que surgiu o título do aplicativo. Finalizando o capítulo, analisamos o aplicativo *Crianceiras* de maneira geral, mostrando cada uma de suas funções e qual o propósito de cada uma delas, uma vez que no capítulo dois, só seria aprofundada a função “Clipes”.

No segundo capítulo deste trabalho, discutimos sobre a chegada das novas formas de se fazer literatura, desde a literatura feita em sites, vídeos no Youtube até o “boom” dado com a chegada dos *smartphones* e da literatura infantil digital como conhecemos hoje, fazendo surgir cada vez mais aplicativos com essas características. Por isso, trouxemos alguns teóricos como Caldas (2019), Moraes (2015) e Matsuda (2018), que voltaram seus olhares para o estudo de livros-aplicativos, analisando suas histórias, funcionalidades, qualidades e problemáticas. Também trouxemos as contribuições de Corroero e Real (2018) com a “ficha de avaliação da literatura infantil digital”, em que as autoras estabeleceram critérios para avaliar a qualidade dos aplicativos e ajudar os mediadores de leitura a escolherem recursos digitais para serem levados às crianças. Ainda neste capítulo, analisamos um dos clipes disponíveis no *Crianceiras*, “Bernardo”, a partir da ficha já mencionada.

Por último, propusemos uma oficina de leitura literária para levarmos o aplicativo à sala de aula, utilizando como base para a sua criação os estudos de Girotto e Souza (2010), Santos e Souza (2011) e Solé (1998) acerca das estratégias de leitura. Descrevemos os objetivos da oficina e o que planejamos para cada um dos momentos: antes, durante e depois da leitura. Por fim, após a aplicação da oficina, descrevemos como ela efetivamente ocorreu, proporcionando uma reflexão sobre os resultados alcançados.

Desse modo, foi possível perceber que o universo da literatura infantil digital está se expandindo cada vez mais e é importante que nós, pesquisadores, estejamos atentos a isso e

prontos para, antes de tudo, conhecermos essa nova literatura que surge e analisarmos, com as ferramentas que temos, se ela é uma literatura possível e viável para a leitura e acesso às crianças. Sabemos que com essa revolução causada pela internet nos dias atuais, mudanças de hábito e, mais que isso, de vida, aconteceram, e a literatura perpassa tudo isso. Por isso, achamos tão importante pensar e refletir sobre esse aplicativo em sala de aula, porque é preciso que as crianças tenham contato com o que está surgindo para o universo delas através de uma boa mediação.

Com a aplicação da oficina, foi possível ainda respondermos uma questão levantada durante o segundo capítulo deste trabalho: essa obra, o *Crianceiras*, é capaz de proporcionar uma experiência estética efetiva? Diante dos resultados obtidos nos momentos do antes, durante e depois da leitura, podemos afirmar que sim. Nessa perspectiva e com base na experiência literário-artística que tivemos, acreditamos, pois, no propósito do aplicativo *Crianceiras*(2016): o de levar a poesia para perto das crianças. A partir das reações delas durante a oficina aplicada, percebemos que os alunos também acreditaram nisso. Por isso, é preciso dizer que ficamos satisfeitos com a presente pesquisa e esperamos que este trabalho seja parte do começo de um universo que tem cada vez mais a crescer: o da literatura digital infantil em sala de aula.

Finalizamos esta pesquisa acreditando que os livros-aplicativos, não apenas o *Crianceiras* (2016), mas todos aqueles que foram construídos com qualidade e com um bom propósito, podem proporcionar às crianças uma aproximação com a literatura, o que se torna cada vez mais necessário em uma época em que tantas outras opções parecem ser mais interessantes para os pequenos. É nosso dever enquanto pesquisadores e educadores refletir sobre a literatura infantil digital e buscar maneiras de levá-la para as crianças em uma perspectiva não didatizante, mas de uma experiência estética. A literatura se transforma e nos chama: cabe a nós sermos seus mediadores.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a Infância** / Manoel de Barros. São Paulo: Planeta, 2003.

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**/Manoel de Barros. São Paulo: LeYa, 2013.

CALDAS, Ana Carolina Medeiros. **A reconfiguração do livro ilustrado infantil: construção de leitores e leituras interativas nos e-picturebooks**. João Pessoa, 2019.

CAMILLO, Márcio de. **Crianceiras**. 2010. Disponível em: <http://www.crianceiras.com.br/manoel-de-barros/>. Acesso em: 16 jan. 2019.

CAPALESSO, Odete Teresa Sutili. **Sérgio Caparelli e a poesia digital para crianças**. 2010. Dissertação (Programa de pós-graduação em Letras) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo - RS, 2010. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/919> Acesso em: 26 abr. 2019.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. Literatura infanto juvenil: diálogos entre a cultura impressa e a cibercultura. **Revista Desenredo**, v. 6, n. 2, p. 154-169 - jul./dez. 2010. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/1715/1132> Acesso em: 16 abr. 2019.

CASTELLO, Lucia; SANNA, Gabriel. **Língua de Brincar**. 2006. 1 vídeo (1h10min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xvz14rthe3M>. Acesso em: 16 jan. 2019.

CEZAR, Pedro. **Só Dez Por Cento é Mentira**. 2009. 1 vídeo (1h21min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VG4P_mWWAI0. Acesso em: 16 jan. 2019.

CORRERO, Cristina; REAL, Neus. Valorar la literatura infantil digital: propuesta práctica para los mediadores. **Revista Textura - ULBRA**, v. 20, n. 42, p. 8-33, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/3639> Acesso em: 15 mai. 2019.

CUNHA, Yanna Karlla. O andarilho Bernardo na produção poética de Manoel de Barros. **Revista Entrelaces** - V. 1, N° 8, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/23471> Acesso em: 09 ago. 2019.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. Estratégias de leitura: Para ensinar alunos a compreender o que leem. SOUZA, Renata Junqueira de. *et al.* **In: Ler e compreender: Estratégias de Leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

GOHN, Maria da Glória; STAVRACAS, Isa. O Papel da Música na Educação Infantil. **EccoS Revista Científica**, vol. 12, núm. 2, julio-diciembre, 2010, pp. 85-103. Disponível em: <http://2011.redalyc.org/articulo.oa?id=71518580013>. Acesso em: 16 jan. 2019.

HILLESHEIM, Betina *et al.* Leitura: entre leitor e texto. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 305-315, Aug. 2011. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922011000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 mai. 2019.

KIRCHOF, Edgar Roberto. Como ler os textos literários na era da cultura digital? **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 47, p. 203-228, jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n47/2316-4018-elbc-47-00203.pdf> Acesso em: 16 abr. 2019.

MACHADO, Arlindo. Formas expressivas da contemporaneidade. *In: Pré-cinema & pós-cinema*. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

MALZONI, Isabel. “Pequenos Grandes Contos de Verdade”: o making-of. Editora Caixote. 05 out. 2016. Disponível em: <http://www.editoracaixote.com.br/blog/pequenos-grandes-contos-de-verdade-making-of/> Acesso em: 06 mai. 2019.

MATSUDA, Alice Atsuko; CONTE, Jaqueline. O livro digital infantil: análise do livro-aplicativo pequenos grandes contos de verdade. **Revista Textura**, v. 20, n. 42, p. 83-105, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/3583>. Acesso em: 06 mai. 2019.

MORAES, Giselly Lima de. Do livro ilustrado ao aplicativo: reflexões sobre multimodalidade na literatura para crianças. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 46, p. 231-253, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n46/2316-4018-elbc-46-00231.pdf> Acesso em: 16 abr. 2019.

PEREGRINO, Giselly dos Santos. **A EDUCAÇÃO PELA INFÂNCIA EM MANOEL DE BARROS**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.16078>. Acesso em: 17 jan. 2019.

SANTOS, Ana Maria Martins da Costa Santos; SOUZA, Renata Junqueira de. **Andersen e as estratégias de leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

SCOTTON, Maria Tereza. **A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA NA POESIA DE MANOEL DE BARROS**. Trabalho apresentado no GT 07 na 27ª Reunião Anual da Anped, 2004. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/gt07/t075.pdf> Acesso em: 19 jan. 2019.

SILVA, Marcia Cristina. **Retratos da infância na poesia brasileira**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2017.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *In: Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

UZÊDA, André Luiz Mourão de. Manoel de Barros e o último adeus de Bernardo. **Fórum de literatura brasileira contemporânea**, v. 9, n. 18. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/18037> Acesso em: 06 ago. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM MÁRCIO DE CAMILLO

Entrevista realizada via e-mail com o idealizador do aplicativo *Crianceiras*, o músico Márcio de Camillo, entre os meses de maio e junho.

Olá, Márcio, boa tarde! Vindo oficializar nossa entrevista aqui no e-mail. Desde já agradeço, mais uma vez, tua disponibilidade para esse contato acontecer e tua boa vontade em ajudar.

1. De onde veio a ideia do nome do CD e, conseqüentemente, do aplicativo?

Quem batizou o CD foi Izabella Maggi, minha esposa e parceira nesse projeto. Izabella é psicóloga e cuida do conceito pedagógico do *Crianceiras*. O nome ela tirou de um texto do próprio poeta. Manoel por Manoel (Memórias inventadas) “minhas raízes cianceiras”

2. Sei que você teve bastante contato com Manoel enquanto ele ainda estava vivo. Ele teve alguma participação na feitura do aplicativo? Qual foi a opinião dele sobre o CD *Crianceiras* e sobre o aplicativo?

O Aplicativo o Poeta não chegou a ver. O CD, Manoel participou de todo o processo, era muito cuidadoso com sua obra. Trabalhamos juntos por três anos, depois vieram mais dois anos de gravações. Aprovava cada passo.

Manoel que nominou muitas canções. Um dia perguntei: Manoel o que eu não posso fazer? Disse: Só não invente palavras, isso eu já fiz. (rs)

3. Como foi feito o convite para Martha Barros, filha de Manoel, participar do projeto *Crianceiras*?

Temos raízes no Mato Grosso do Sul, conheço Martha desde jovem, e também Manoel. Morávamos perto no bairro Jardim dos Estados em Campo Grande-MS, ou seja, já existia uma amizade. Sempre gostei do trabalho da Martha. A obra dela tem uma cumplicidade com a obra do pai. Traduz em imagens suas palavras. Olho para os seus quadros e vejo movimento. O trabalho com as cores é feliz e singular. Foi muito assertivo ter a Martha nesse projeto.

4. Quatro músicas do CD e, conseqüentemente, do aplicativo, eu não consegui encontrar nos livros de Manoel, são elas: "O idioma das árvores", "Os rios começam a dormir", O

silêncio branco" e "O menino e o rio", você pode me informar se elas estão em algum livro do poeta?

Sim, elas estão em vários livros do Manoel e acho que essa é a magia do *Crianceiras*. Como construí o CD *Crianceiras* com o próprio poeta, ele me autorizou a juntar poemas e versos de vários de seus livros. Um dia perguntei: Manoel o que eu não posso fazer? Disse: Só não invente palavras, isso eu já fiz. (rs)

5. Por último, você consente que suas respostas sejam utilizadas em meu trabalho de conclusão de curso (TCC)?

Sim está autorizado.

APÊNDICE B – PINTURAS FEITAS PELAS CRIANÇAS

Figura 10 - Algumas das pinturas feitas pelos alunos do 1º F



Fonte: Acervo pessoal (2019).

Figura 11 - Algumas das pinturas feitas pelos alunos do 3º C



Fonte: Acervo pessoal (2019).